



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS-CAMPUS DO SERTÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

JANAÍLSOM NUNES DA SILVA

**HOMENS ATUAM NA EDUCAÇÃO INFANTIL? UM ESTUDO DE CASO A
PARTIR DO ACESSO, PERMANÊNCIA, EVASÃO E ATUAÇÃO DO DOCENTE
MASCULINO.**

Delmiro Gouveia - AL

2020

JANAÍLSOM NUNES DA SILVA

HOMENS ATUAM NA EDUCAÇÃO INFANTIL? UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DO ACESSO, PERMANÊNCIA, EVASÃO E ATUAÇÃO DO DOCENTE MASCULINO.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Alagoas no campus do Sertão, como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Ma. Giseliane Medeiros Almeida.

Delmiro Gouveia - AL

2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S586h Silva, Janailsom Nunes da

Homens atuam na educação infantil? um estudo de caso a partir do acesso, permanência, evasão e atuação do docente masculino / Janailsom Nunes da Silva. - 2020.

103 f. : il.

Orientação: Giseliane Medeiros Almeida.
Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas.
Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2020.

1. Educação infantil. 2. Homem na pedagogia. 3. Formação docente. 4. Preconceito. 5. Curso de pedagogia. 6. Universidade Federal de Alagoas – UFAL. 7. Campus do Sertão. I. Almeida, Giseliane Medeiros. II. Título.

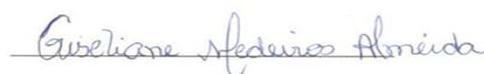
CDU: 377.8-055.1

Folha de Aprovação

JANAÍLSOM NUNES DA SILVA

HOMENS ATUAM NA EDUCAÇÃO INFANTIL? UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DO ACESSO, PERMANÊNCIA, EVASÃO E ATUAÇÃO DO DOCENTE MASCULINO.

Trabalho de conclusão de curso submetido á Banca Examinadora do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão, como parte dos requisitos para a obtenção do título de licenciado em Pedagogia. Aprovado em **15 /12 /2020**.



Profª. Ms. Giseliane Medeiros Almeida (Orientadora)

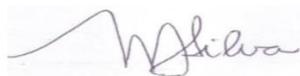
Universidade Federal de Alagoas –UFAL- Campus do Sertão

Banca Examinadora:



Profª. Drª Ana Cristina C. Santos (Examinadora Interna)

Universidade Federal de Alagoas –UFAL- Campus do Sertão



Profª. Drª Maria Aparecida Silva (Examinadora Interna)

Universidade Federal de Alagoas –UFAL- Campus do Sertão

Dedico primeiramente ao meu Senhor e Salvador da minha vida e a todos os meus familiares que me deram apoio, conselhos e compreensão durante esses anos de graduação, como também os meus amigos e professores da UFAL, pela base teórica e auxílio no caminhar acadêmico, juntamente com os docentes do gênero masculino participantes da pesquisa, os estudantes do curso de pedagogia entrevistados, a coordenadora do curso, os quais foram essenciais para o desenvolvimento desse trabalho, mostrando-me que realmente existem profissionais que buscam propiciar uma educação de qualidade e com equidade.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi construído com a participação de muitas pessoas especiais, que fazem parte da minha vida. Cada uma delas me ajudou da sua maneira e não teria chegado até aqui, se não fosse com a ajuda de vocês.

Sendo assim, venho agradecer a cada um desses sujeitos, que com as suas singularidades, ajudaram-me a concluir esse caminho longo e de certa forma, trabalhoso. Em primeiro lugar, venho agradecer a Deus, que me deu o sopro da vida, além de me conceder a benção de estudar numa universidade pública. Por ele e por meio dele, estou aqui escrevendo esse meu trabalho final de conclusão do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Alagoas.

Minha mãe Cícera também foi essencial na minha vida, já que desde o ventre fui amado e esperado. Sempre me deu carinho e coragem em todas as escolhas, visando o melhor pra mim. Colocando-me cedo na escola e isso foi uma das coisas mais gratificantes que me aconteceu, pois foi nesse espaço, que comecei a amar e desejar ser um professor.

O meu irmão mais novo Gilson foi um presente do Senhor e esteve junto de mim desde o seu nascimento. Desde esse dia, sempre fomos amigos e próximos, de modo que tudo que afetava um, trazia também sintomas no outro. As minhas irmãs: Maria Aparecida, Marícelia, Janaina, Roseane e Maria Janielly, também contribuíram muito com a minha formação, mas umas delas Janielly teve um significado maior na minha vida tornando-se meu “objeto” preferido de estudo e aplicação prática de experiências pedagógicas, tudo se deu através de uma corrente pedagógica entre meus irmãos na época formados no médio normal, na qual obstamos por desenvolver métodos, para ajudá-la a aprender os conteúdos repassados na escola de forma dinâmica e extrovertida, sem trazer frustração e desinteresse o que muitos conteúdos de algumas matérias passam para a criança. Irmãos, obrigado pela nossa união e companheirismo, sem isso, eu não estaria aqui hoje.

A família é outro fenômeno de suma relevância e nela pude encontrar e conviver com uma diversidade de gêneros, gostos e atitudes de pessoas, que elevaram minha autoestima e fizeram-me uma pessoa melhor. Muito obrigado pela sua existência avós: Damiana, Francisca; Nicolau e Manoel, tios: José, Vanilton, Valderi, Valdecy e João; tias: Maria, Jacilene, Jocelina, Helena; primos: Juliana, Ana Caroline, Danilo, Daniel, Erialdo, Evanaldo, Adriana, Jonaldo, Ronaldo, Agnaldo, Adriana, Maria de Lurdes. Cada passeio, viagem e momentos de conversa foram de grande valia para mim, servindo de exemplo e admiração.

Vocês propiciaram-me uma base e um lar, onde adquiri uma infinidade de saberes e princípios, que me norteiam nesse eterno caminhar.

Reconheço também a importância dos amigos na minha história de vida. Foram muitas amizades desde a infância: Danilo, Glaucimere e Andressa; passando pelo ensino fundamental e médio: Danilo, Thiago, Junior, Clessio, Marciane, Leonardo Guabiraba, Romario, Francilene, Francisca, Reginaldo, Fabio, Suellen, Sergio, Clecia, Ramom, Jucimar, Daniel, Francinete, Francineide, Geanny, Nadieje, Eudileia, Eldna, Luedja, Leidjane, Ailsson, Raimundo, Raquel, Maria de Lurdes, Jaqueline, Esnanda, até a Universidade: Taíse, Caroline, Jaqueline, Daiana, Damilly, Daiane, Gabriel, Janaina, Vanessa Gomes, Vanessa Urias, Tiago, Gabriel, José Francisco, Marcus Vinicius, Luana Lisboa, Luana Coreia, Taina, Thamires, Tamara, Sabrina, Jessica, Joice Karolaine, Rita de cássia, Maria Aparecida, Maria Aline, Lucimara, Elizabete, Jamires, Mercia, Kelly Suzana, Roselia, e Vitória Karolaine. Não tenho como citar o nome de todos, mas se sintam tocados pelo meu abraço e saibam, que cada um, com o seu jeito de serem, com as dicas, conselhos e lanches, ajudou-me a ter coragem, refrescar a cabeça e encontrar um ombro amigo para relatar situações, rir e se divertir. Além das árduas horas de trabalho e dedicação nas pesquisas e estudos. Vocês foram e ainda são únicos e incríveis.

Nesse percurso escolar também tive a honra de encontrar professores brilhantes, que com as suas histórias e práticas, ensinaram-me a se tornar um excelente professor. Cada ensino, bronca e elogio serviram-me de inspiração para enfrentar os percalços do interior da escola. Principalmente na graduação, encontrei mestres que amam o que fazem e trabalham com dedicação. Tais como: Ricardo Leal, Maria Aparecida, Ana Cristina, Heder Ranger, Adriana Deodado, Suzana Libardi, Valci Melo, Rodrigo Pereira, Adeilson, Cristiano, Noelia, Lilian Kelly e entre outros. Dentre outros, destaco a atuação da professora Maria José, que no decorrer do PIBID deu-me orientações e acompanhamento.

Em seguida, agradeço a prática da excepcional e compromissada orientadora Giseliene Medeiros. Sua atuação, paciência, esclarecimentos e firmeza nas discussões teóricas acerca dos textos e metodologias, propiciaram a qualidade desse trabalho e a vontade de querer ir além.

Por último, não menos especiais, homenageio os principais atores desse meu trabalho de conclusão, os discentes da instituição pesquisada e os docentes do gênero masculino participantes da pesquisa, que confiaram no meu trabalho e concederem um pouco do concorrido tempo deles. Aprendi muito com cada experiência e situação que me relataram. Não posso deixar de falar, que eles me surpreenderam com relação à quantidade de docentes

encontrados, além da atenção, paciência e hombridade em me ajudar. Sem suas respostas, esse trabalho não seria finalizado e com vocês, eu encontrei professores que amam o que fazem e trabalham com qualidade.

Resumindo, procurei ser ágil, agradeço a todos aqueles que me amam e apoiaram nessa trajetória, pelos sinceros sorrisos e as humildes palavras no momento de reflexão. Todos vocês fazem parte da minha história.

“Professor, o mundo pode não te aplaudir, mas o conhecimento mais lúcido da ciência tem de reconhecer que você é o profissional mais importante da sociedade.”

Augusto Cury

INDICE DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1-Perfil dos entrevistados | 54 |
| Tabela 2-O mercado de trabalho do pedagogo e sua respectiva função..... | 63 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1 - Motivos que levaram a escolha do curso de pedagogia -..... | 62 |
| Gráfico 2-O curso de pedagogia foi a primeira escolha..... | 65 |
| Gráfico 3-A UFAL-Sertão prepara os discentes para atuarem na educação infantil | 68 |
| Gráfico 4-Motivos de existir poucos homens que querem atuar na educação infantil..... | 75 |

LISTA DE APÊNDICES

| | |
|--|-----|
| Apêndice 1- Roteiro de entrevista aplicado aos estudantes matriculados no curso de pedagogia do 2º, 4º, 6º e 8º período..... | 89 |
| Apêndice 2- Roteiro de entrevista aplicado a coordenação do curso de pedagogia..... | 91 |
| Apêndice 3- Roteiro de entrevista aplicado a coordenação do curso de pedagogia..... | 92 |
| Apêndice 4- Termo de Consentimento Livre e Escolha (TCLE) 01 | 95 |
| Apêndice 5- Termo de Consentimento Livre e Escolha (TCLE) 02. | 98 |
| Apêndice 6- Termo de Consentimento Livre e Escolha (TCLE) 03 | 101 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------|---|
| ART | Artigo. |
| CNE | Conselho Nacional de Educação |
| DCNEI | Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil. |
| EI | Educação Infantil. |
| ES | Ensino superior. |
| ERELIC | III Encontro Regional Das Licenciaturas Do Nordeste. |
| EMEFS | Escola Municipal De Ensino Fundamental Sebastiana Dino. |
| ENEM | Exame Nacional do Ensino Médio. |
| ECA | Estatuto da Criança e do Adolescente. |
| LIAPI | Laboratório de Interativo de Aprendizagem Interdisciplinar. |
| LDB | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. |
| MEC | Ministério da Educação. |
| PPC | Projeto Pedagógico do Curso. |
| PIBID | Programa Institucional De Iniciação à Docência. |
| REUNI | Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais. |
| RCNEI | Referencial Curricular Nacional Educacional para Educação Infantil. |
| RU | Restaurante Universitário. |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Escolha. |
| UFAL | Universidade Federal De Alagoas- Campus Do Sertão. |

SUMÁRIO

| | | |
|-----------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 17 |
| 2 | Homens na Educação Infantil: percurso histórico | 21 |
| 2.1 | A Educação: Antiguidade, Idade Média e Pós Modernidade. | 21 |
| 2.1.1 | Homens/Mulheres no magistério: compreendendo esse fator histórico | 32 |
| 2.2.1 | A emigração do homem na docência e o ingresso da mulher | 41 |
| 2.3 | A formação da UFAL Campus do Sertão em Delmiro Gouveia e o curso de pedagogia..... | 46 |
| 2.3.1 | O curso de pedagogia do campus sertão | 50 |
| 3 | ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA | 53 |
| 3.1 | Tipo de pesquisa..... | 53 |
| 3.2 | Sujeitos da pesquisa | 54 |
| 3.3 | Instrumento de coleta de dados | 55 |
| 3.4 | O contexto da pesquisa..... | 55 |
| 3.5 | Método de análise de dados | 56 |
| 4 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 58 |
| 4.1 | Estudo de caso: percurso formativo e de atuação de pedagogos formados na UFAL sertão..... | 58 |
| 4.2 | Acessos, permanência, formação de discentes do sexo masculino do curso de Pedagogia da UFAL, Sertão..... | 58 |
| 4.3 | Investigando a atuação (ou não atuação) de pedagogos formados na UFAL no âmbito da Educação Infantil..... | 70 |
| 4.4 | PIBID: Reflexões sobre a experiência docente por entre olhares e abraços | 78 |
| 5. | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 81 |
| 6. | REFERÊNCIAS | 84 |
| 7. | APÊNDICES | 89 |

RESUMO

O trabalho docente dedicado à infância é uma área ocupada por mulheres. Já a presença de homens na Educação Infantil é um fenômeno raro. São poucas as pesquisas que procuram evidenciar o trabalho de professores homens nesse espaço. Esta pesquisa teve como objetivo analisar o percurso formativo de discentes do sexo masculino matriculados no curso de pedagogia da UFAL entre 2017 á 2019, descrevendo as possibilidades e dificuldades de atuação na Educação Infantil, destacando as razões históricas e sociais que tem contribuído para desenvolver preconceitos acerca do gênero masculino na Educação Infantil, desmistificando e esclarecendo padrões de gênero relativo à profissão docente. Utilizando-se da abordagem qualitativa, juntamente com a realização de uma entrevista semiestruturada com 12 discentes do gênero masculino, matriculados no curso de pedagogia da UFAL-SERTÃO, com a coordenadora do curso e com 03 professores que atuam na Educação Infantil. A pesquisa tem como problema, entender como funciona o acesso, permanência, evasão e conclusão de alunos do curso de pedagogia da UFAL e quais são as possibilidades e dificuldades daqueles egressos que já atuam como docente na Educação Infantil? A metodologia traçada para atingir os objetivos da pesquisa é de natureza qualitativa, do tipo semiestruturada. Como procedimentos da coleta de dados foram utilizados na entrevista um questionário composto de perguntas abertas para cada publico alvo. De acordo com a contribuição dos professores, percebemos que de fato é possível homem atuar enquanto educador de crianças pequenas, desde que o mesmo tenha uma formação que tenha lhe passado uma preparação adequada e que as práticas pedagógicas desses professores são de extrema importância na constituição física, intelectual, moral e social das crianças, no entanto, possuem capacidade de desenvolver o seu papel de educador tão bem quanto às mulheres. Em suma, quanto mais professores homens surgir nesse campo de atuação, melhor será para a equidade de gêneros e desconstrução dos referenciais, promovendo assim, permanente ressignificação de espaços e papéis sociais.

Palavras-chave: Educação Infantil. Homem na pedagogia. Atuação. Crianças pequenas. Preconceito.

ABSTRACT

Teaching work dedicated to childhood is a area occupied by women. The presence of men in Early Childhood Education is a rare phenomenon. There are few studies that seek to highlight the work of male teachers in this space. This research aimed to analyze the training path of male students enrolled in the UFAL pedagogy course between 2017 and 2019, describing the possibilities and difficulties of acting in Early Childhood Education, highlighting the historical and social reasons that have contributed to develop prejudices about of the male gender in Early Childhood Education, demystifying and clarifying gender standards related to the teaching profession. Using the qualitative approach, together with a semi-structured interview with 12 male students, enrolled in the pedagogy course at UFAL-SERTÃO, with the course coordinator and with 03 teachers who work in Early Childhood Education. The problem of research is to understand how access, permanence, dropout and completion of students of the UFAL pedagogy course work and what are the possibilities and difficulties of those graduates who already work as a teacher in Early Childhood Education? The methodology designed to achieve the research objectives is of a qualitative nature, of the semi-structured type. The dates collection procedures, a questionnaire composed of open questions for each target audience was used in the interview. According to the contribution of the teachers, we realize that it is indeed possible for a man to act as an educator for young children, as long as he has training that has given him adequate preparation and that the pedagogical practices of these teachers are extremely important in the physical constitution , intellectual, moral and social aspects of children, however, have the capacity to develop their role as educators as well as women. In short, the more male teachers that emerge in this acting field, the better it will be for gender equity and deconstruction of references, thus promoting a permanent resignification of spaces and social roles.

Keywords: Early Childhood Education. Man in pedagogy. Performance. Small children. Prejudice.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Infantil nos revela com um ambiente em que pouco é notado a presença masculina nessa modalidade de ensino e, ainda hoje, pouco se vê essa presença, no entanto, dessa porcentagem tão pequena de docentes masculinos que atuam nessa área passam por alguns empasses, onde são submetidos a questionários sobre sua escolha da profissão, e comentários seguidos de preconceito.

Outro desafio é a mídia, com as notícias sobre pedofilia e abusos - geralmente recaem sobre a figura masculina. A cultura do estupro, nesse caso é associada à imagem do homem que representa riscos em potências às crianças (especialmente as meninas), bem como a construção social e histórica de que as mulheres são mais capazes ou deveriam ser as únicas responsáveis por cuidar e educar os filhos e ainda influenciam em grande medida nesse pensamento, gerando estranheza a respeito da presença do homem na comunidade escolar, principalmente em uma sala de aula.

Em outras palavras, a relutância dos homens na docência com crianças não se deve apenas ao preconceito cultural, mas também aos baixos salários e as condições de trabalho instáveis que refletem a desvalorização profissional. Outro fator que reflete a escassez de homens na Educação Infantil é a associação das atividades educar/cuidar à maternidade.

Para Scott (2009), o conceito de gênero se tornou, especialmente nas ciências humanas e sociais, tornando assim, não apenas uma ferramenta de análise, mas um instrumento para a autoconstrução humana nas relações sociais que devem originar-se na justiça e na igualdade, partindo do reconhecimento e ao respeito às diferenças. As relações de gênero são configuradas para construção social e cultural. Sem deixar de considerar os aspectos biológicos, a categoria Gênero tenta quebrar o conceito de determinismo biológico, comportamental, social ou cultural.

Portanto, as questões que nortearam esta pesquisa é, sem dúvida, o meu desejo de compreender a partir da perspectiva das relações de gênero, como o professor do sexo masculino estabelece sua identidade profissional na Educação infantil. Então pesquisa explicita as visões sobre como se deu o acesso, permanência, evasão e atuação dos discentes masculinos do curso de Pedagogia da UFAL-Campos do sertão, sobre a relação que esses homens estabelecem com as pessoas e com as atividades relacionadas ao cuidado e à educação da criança pequena.

Depois de analisar essas visões, tentamos destacar os desafios e as limitações enfrentados por esses discentes e professores homens, e as relações de gênero acarretam no exercício da docência. Em suma, centrado nos discentes e professores do sexo masculino, a pesquisa visa evidenciar os desafios e limitações que enfrentam desde o seu ingresso à universidade a sua atuação no mercado de trabalho.

O objetivo geral da presente pesquisa é analisar como funciona o acesso, permanência, evasão e conclusão de discentes do sexo masculino matriculados no curso de pedagogia da UFAL-Sertão, descrevendo as possibilidades e dificuldades de atuação docente na Educação Infantil. Os objetivos específicos são os seguintes:

- Compreender e destacar as razões históricas e sociais que tem contribuído para desenvolver preconceitos acerca do gênero masculino na Educação Infantil.
- Entender o percurso histórico do homem na pedagogia, desmistificando e esclarecendo padrões de gênero relativo à profissão docente.
- Analisar o acesso, permanência, evasão e formação de discentes da pedagogia do sexo masculino da UFAL.
- Investigar se pedagogos formandos na UFAL atua na Educação Infantil, destacando seus desafios e possibilidades enquanto docente.

A justificativa da pesquisa se originou, a partir do primeiro contato com uma turma do curso de Pedagogia do campus do Sertão da UFAL, que havia poucos alunos de sexo masculino e ficava imaginando de que maneira seria a atuação destes alunos na Educação Infantil, já que o mesmo oferece esta oportunidade. Podemos observar que a turma a qual eu fazia parte, a presença feminina era majoritária, já a masculina se resumia apenas em seis alunos numa turma de 40, por esta razão, invariavelmente, parecia que estávamos no curso errado. Afinal era uma área dominada por mulheres e que provavelmente para nós, apresentaria grandes dificuldades no decorrer do percurso formativo e posteriormente na vida profissional.

Outro fator que contribuiu bastante para a realização dessa pesquisa foi ter passado por um ato de preconceito, na condição de bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), do subprojeto educação infantil. Ao chegarmos à escola para iniciarmos as nossas atividades, ouvi sussurros onde uma supervisora do subprojeto comentou com outras suas amigas de trabalho o seguinte: “como um homem poderia lecionar pra crianças, ainda mais uma turma de maternal”. Para ela a sala de aula é lugar de mulher, porque a mesma tem um espírito maternal e se sobressai melhor mais nas atividades naquele ambiente educativo.

Situações assim acontecem corriqueiramente na vida de muitos professores homens nas instituições brasileiras.

O problema da pesquisa se situa na busca de compreendermos como funciona o acesso, permanência, evasão e conclusão de discentes do sexo masculino matriculados no curso de pedagogia da UFAL e quais são as possibilidades e dificuldades de atuação docente na Educação Infantil?

A pesquisa ocorreu de fato na UFAL, onde realizaremos as entrevistas ao nosso público alvo, os alunos graduandos em pedagogia do 2º, 4º, 6º e 8º período pela instituição referida e a professores egressos (gênero masculino) atuantes ou não. Para obtermos esses resultados realizamos uma pesquisa geral, primeiro no CRCA e na Coordenação para obtermos dados referentes à quantidade de alunos do sexo masculino matriculados, evadidos e formandos entre 2014 a 2019.¹ Logo depois realizamos uma entrevista semiestruturada com 15 alunos em curso, com a coordenadora do curso de pedagogia e com uma amostragem de 03 professores masculinos egressos que atuam na Educação Infantil, a técnica de análise para obtenção dos resultados foi adotado a análise do conteúdo², para assim obter dados sobre o objeto deste trabalho, realizaremos uma pesquisa bibliográfica para o aprofundamento das análises.

Essa pesquisa está organizada em 05 sessões, sendo que na primeira apresentamos a introdução, os objetivos que rege este trabalho, algumas informações relativas à metodologia, os sujeitos desse estudo.

Na segunda, buscaremos apresentar de forma contextualizada um contexto histórico de como se deu a presença do homem na docência, quem foram os mestres/mentores/professores na época, compreender de fato em quais mãos estava centrado o ato de educar, com foco na Educação Infantil, cenário para os caminhos da profissão docente, as causas da feminização do magistério, a relação do cuidar e educar na Educação Infantil. Enfatizando três grandes modelos educacionais que se desenvolveram em períodos históricos distintos: a educação: Antiguidade, Idade Média e Pós Modernidade, indicando mudanças na forma de pensar e de teorias e práticas educacionais que evoluíram e deram origem ao modelo de Educação atual. Além disso, objetiva refletir sobre marcos histórico e explicar a influência do conceito de cuidado e educar nas políticas de educação infantil, bem como as leis que norteiam esses eixos norteadores do trabalho com crianças pequenas.

¹ Segundo os dados obtidos, os relatórios que estão disponíveis no sistema para a CRCA não possuem informações por sexo.

² Ver em: BARDIN, L. (2006). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977).

Na terceira sessão, o enfoque centra-se na metodologia da pesquisa, entretanto apresenta a abordagem metodológica, assim como as informações referentes aos sujeitos de pesquisa, à coleta de dados e à análise dos dados. Assim como relata as entrevistas com os alunos discentes do curso de pedagogia e com os professores do sexo masculino que atuam na Educação Infantil, onde ambos trazem algumas de suas experiências e narrativas e refletem sobre a motivação, a escolha do curso e da educação infantil como opção de área/campo de atuação.

Na quarta sessão, análise e discussão das entrevistas, trazendo os resultados referentes aos dados obtidos a partir da aplicação da realização das entrevistas com os sujeitos de pesquisa, assim como as reflexões e experiência vivida pelo pesquisador, enquanto participante do PIBID.

Por fim, no quinta sessão, considerações finais, serão apresentadas as conclusões obtidas referentes ao processo de formação dos discentes matriculados no curso de Pedagogia da UFAL- Sertão e as reflexões sobre as experiências dos professores egressos da Instituição referida que atuam na Educação Infantil.

2 HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCURSO HISTÓRICO

Nesta sessão, será apresentado de forma contextualizada um contexto histórico de como se deu a presença do homem na docência, quem foram os mestres/mentores/professores na época, compreender de fato quem desenvolvia o ato de educar, com foco na Educação Infantil, cenário para os caminhos da profissão docente, as causas da feminização do magistério³, a relação do cuidar e educar. Enfatizando três grandes modelos educacionais que se desenvolveram em períodos históricos distintos: a educação na Antiguidade, Idade Média e Pós Modernidade. Além disso, objetiva refletir sobre marcos histórico e explicar a influência do conceito de cuidado e educar nas políticas de Educação Infantil, bem como as leis que norteiam esses eixos norteadores do trabalho com crianças pequenas.

Mais adiante se foi necessário aprofundar-se a pesquisa na busca de entendermos os motivos e as causas da emigração do homem na docência e o ingresso das mulheres. Sendo assim como campo de pesquisa buscou-se entender como se deu a formação da UFAL Campus do Sertão em Delmiro Gouveia e o curso de Pedagogia.

2.1 A Educação: Antiguidade, Idade Média e Pós Modernidade.

Pensar o passado não deve ser compreendido como exercício de saudosismo, mera curiosidade ou preocupação erudita. O passado não é algo morto: nele estão as raízes do presente. É compreendendo o passado que podemos dar sentido ao presente e elaborar o futuro. (Aranha,1989,p.12).

A história da educação em termo geral ocorreu de forma gradual sendo conduzida de diversas formas, resultante da relação turbulenta dos diversos modos de políticas no Brasil. Nesse capítulo, para além do desenrolar da educação no Brasil, buscaremos compreender três grandes momentos históricos na historia do ocidente que contribuiram para mudanças estruturais na educação: educação na Grécia Antiga, educação na Idade Média e Idade Moderna. Com a finalidade compreendermos de fato quem foram os professores (tutores) daquela época, em quais mãos era centrado o hábito de educar (lecionar).

³ Segundo Rabelo (2007) este processo feminização do magistério teve também um cunho político, como as professoras já ganhavam menos que os professores e para que se pudesse expandir o ensino para todos, por conta da modernização, era necessário que governo gastasse menos com os professores. Os homens não aceitariam reduzir seus salários, então nada melhor que a mulher assumisse este posto, com o belo discurso de que a alma feminina possui vocação natural para essa profissão, quando na realidade esse discurso não passava de uma “desculpa” para afastar homens da docência, tendo em vista que já não era um lugar de prestígio para eles.

O primeiro modelo de educação foi desenvolvido Segundo Mário Alighiero Manacorda (2006), em seu livro intitulado "História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias" ⁴ na antiguidade Grega, período esse reconhecido como o berço da civilização, tendo como seus principais representantes: Sócrates, Aristóteles e Platão; conhecido hoje como o período arcaico, no decorrer dos (séculos VIII a VI a.c.); trouxe grandes mudanças no campo social quanto no político: o aparecimento da Polis, do comércio e das classes sociais e da moeda. Essas mudanças foram primordiais para o surgimento do pensamento filosófico. No período clássico (séculos V e IV a.c.) surge a ideia pedagógica associada à formação do cidadão, as ciências como astronomia, geometria e matemática.

Começando pela Antiguidade, temos em aproximadamente 08 séculos a.C; um poeta que vivia em uma região chamada Quios⁵, umas das ilhas que pertencem hoje a atual Turquia viveu o Homero o grande pensador grego que teria sido o responsável pela criação das duas obras mais brilhante do ocidente a Ilíada e Odisseia, modelos de educação pensadas pelos gregos na antiguidade. O autor apresenta que Homero teria sido o grande educador da Grécia antiga (p.42)⁶ e finalizando o filosofo Platão que viveu três séculos depois dele, para Platão, Homero trouxe uma visão interessante sobre a realidade e interpretação para todos os gregos antigos, Ilíada e odisseia eram livros de cabeceira da juventude de Atenas e de várias outras cidades gregas.

O livro Iliada em especial nos mostra todo o contexto da Guerra de Tróia, que ficou imortalizada em muitos livros, teatros e cinemas, na qual se narra a guerra entre Gregos e Troianos por causa do rapto de Helena, a famosa rainha de Micenas, esposa de Menelau que teria sido raptada por Páres, príncipe troiano, contexto esse de uma guerra que vai durar mais de 10 anos entre gregos e troianos por causa do rapto. Odisseia descreve as mutuas e difíceis aventuras que Ulisses, rei de Ítaca, teve que enfrentar e o seu retorno para casa após a guerra, aonde o anseiam sua esposa pela sua volta, Penélope, e o filho, Telêmaco.

Refletindo sobre esse período, o que mais nos chamou a atenção e o motivo pelo qual uma guerra traria um modelo de educação para Grécia Antiga, sendo de suma relevância voltar na figura de Aquiles. O mesmo era rei de uma cidade chamada Tersalha, ele argumentava, e fazia exposições de suas ideias, portanto também era o herói no campo da

⁴ Ver em: MANACORDA, M. A. História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

⁵ (também grafada como Chios, Híos, Khios ou Chiou; em grego: Χίος) é uma ilha e uma unidade regional da Grécia localizada no mar Egeu. Quios faz parte da região do Egeu Setentrional. Está separada da península de Karaburun, na costa turca da Anatólia, pelo estreito de Quios.

⁶ Ver em: MANACORDA, M. A. História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

batalha, era um guerreiro que nesse período foi instruído através da famosa Paidéia (Formação integral do ser humano), que remonta ao início da pedagogia, pedagogo e aquele que cuida de crianças, aquele que ensina a Crianças, tornando-se o primeiro modelo de educação na Grécia Antiga. Dessa forma, a partir da Paidéia, essa educação tem como princípio a formação de guerreiros instruídos, o do cidadão, completo e virtuoso, um modelo de educar que abranja corpo e mente, ou seja, a formação de Aquiles.

Consequentemente surge então o termo Paideia, o modelo ideal da educação grega.

Por volta do século v a.C. é criada a palavra Paidéia, que de início significa apenas ‘criação dos meninos’ (pais, paidós, ‘criança’). Mas com o tempo, a palavra adquire nuances que tornam intraduzível. Werner Jaeger, famoso helenista alemão escreveu uma obra com esse nome, diz: Não se pode evitar o emprego de expressões modernas como civilização, cultura, tradição, literatura ou educação; nenhuma delas, porém, coincide realmente com o que os gregos entendiam por Paidéia. Cada um daqueles termos se limita a exprimir um aspecto daquele conceito global e, para abranger o campo total do conceito grego, teríamos de empregá-los todos de uma só vez (ARANHA, 1989, p. 37).

Segundo a autora, o termo Paidéia significa a designação do sistema educacional e da constituição ética da Grécia Antiga, que possuía inclusão de diversos temas, visando à formação de um cidadão perfeito e completo, um sujeito que possua capacidade de liderar e ser liderado e que seja capaz de cumprir um papel positivo na sociedade.

Este período conhecido como homérico intenciona a instrução do nobre, até os sete anos de idade, na qual criança permanece com a mãe seguida dos seus cuidados. A infância era uma fase de passagem, o menino passava a visitar locais favoráveis para o seu desenvolvimento, sendo que existia uma divisão educacional por gênero, assim, a menina fica em casa aprendendo as artes do lar e seu destaque se limitava na participação nas atividades físicas e de festividades. O guerreiro Espartano é instruído para aturar a dor e obedecer.

Manacorda (2006), Cidades como Atena e Esparta (cidades-estados) se baseavam nesse livro para educar suas crianças, pois não queriam apenas pessoas instruídas, mas que também tivessem habilidades motoras, uma preparação intelectual e corporal na formação dos seus soldados, pessoas que tivessem uma boa saúde mental. Uma máxima de que remota a essa tipo de ensino é: “corpos são, mente sã”, que vem também da História dos gregos. Outra grande contribuição dos gregos antigos foi à filosofia, produzindo uma forma de pensar no ocidente que traz como pano de fundo a racionalidade humana, a interpretação de todas as coisas, que se dava pela forma de se pensar, o homem que começa questionar toda a sua realidade.

“Atenas, iniciadora do ideal democrático, difundindo a educação a todos os cidadãos livres, devido a sua enorme influência e, por se tratar do berço da filosofia, o ideal da sociedade ateniense é o culto” (p.29-30)⁷, “os adolescentes eram doutrinados nas letras e filosofia, pelos seus mestres, na primeira fase era acompanhado pelo pedagogo que tinha como papel orientar as primeiras letras e a atividade física, e ao completar 18 anos adentravam a vida cidadã, os mestres eram os filósofos” (p.75-76)⁸. Diante disso não devemos esquecer a figura de Sócrates 570- 499 a.C; pai da filosofia, grande pensador que viveu em Atenas por muitos anos, onde passou a ser reconhecido como um dos percussores dessa nova forma de pensar e de ser humano.

Uma das metodologias pedagógicas desenvolvidas por Sócrates foi a Ironia e a Maiêutica. Sócrates tinha um jeito especial para conversar com as pessoas, ele dizia que conhecia pouco sobre as coisas e que queria sempre com grande curiosidade conhecer aquilo que ele não sabia; daí originou a sua máxima “só sei que nada eu sei”, mostrando que ele estava sempre em busca de novos conhecimentos, pois o mesmo possuía o hábito de conversar com todas as pessoas, desde escravos até com generais do exército ateniense, e perguntava questões como: o que é o amor? O que é a amizade? O que é a virtude? E quando as pessoas tentavam responder a tais questionamentos, Sócrates abertamente fazia perguntas e mais perguntas, até que as pessoas ficavam em dúvidas, se estavam seguindo o caminho certo das suas ideias. O método dialógico de Sócrates como foi denominado: A arte de perguntar. Por essa razão, o filósofo denominava seu próprio método, sua arte de perguntar, pelo nome de maiêutica, palavra de origem grega que significa "ciência ou arte do parto", ou seja, a obstetrícia. Desse modo, mesmo quando já se alcançou grandes conhecimentos, é importante prosseguir exercitando a conversação filosófica durante toda a vida, evitando assim recair em erros, qualquer que seja nossa idade.⁹

O segundo método desse momento é a maiêutica, que seria a busca de ideias novas, a partir do momento que temos consciência de que não sabemos de tudo e de todas as coisas. Já o segundo passo é a busca incessante pelo conhecimento através do estudo, da pesquisa e de todo pensamento racional que a filosofia estava trazendo a Grécia Antiga. Considerando o Período clássico (século VI-IV a.c), no qual ocorreram grandes evoluções no campo das

⁷ Ver em: MANACORDA, M. A. História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

⁸ Ver em: MANACORDA, M. A. História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

⁹ Ver em: CABRAL, João Francisco Pereira. "Ironia e Maiêutica de Sócrates "; Brasil Escola.

descobertas filosóficas e das praticas Democráticas, era a partir de suas ideias e da sua realidade que os gregos buscavam reformar a cidade onde viviam.

É nesse contexto que Sócrates assume o ofício de mostrar a todos os homens que se diziam sábios, que eles não sabiam o que julgavam saber. O objetivo da tarefa pedagógica exercida por Sócrates era fazer com que os homens chegassem ao autoconhecimento, ou seja, pensar por si mesmos, sem ter de repetir opiniões alheias.

Sócrates, ao usar o método maiêutico a arte de parir ideias, dava início a diálogos com a intenção de questionar as opiniões alheias a fim de desmascarar a ignorância daqueles que se supunham sábios, mostrando as contradições e a insuficiência de suas teses. No exercício de sua missão, Sócrates não cobrava nenhum valor.

Portanto, chegamos ao entendimento de que a educação no mundo grego tinha como função valorizar a desenvolvimento do sujeito enquanto cidadão e não elevava apenas as dádivas aristocráticas, características dos poemas de Homero e Hesíodo, voltado para o homem perfeito que seria o herói de guerra, o sujeito forte e corajoso. Tendo como professores os sofistas, pensadores que se exibiam como mentores da oratória e da retórica e contradiziam tudo e todos. Para eles, o bom cidadão teria que mostrar-se ser aquele sujeito persuasivo.

Agora, adentrando a Idade Média (476-1453), período que ficou reconhecido por era uma idade das trevas, apontada pelo retardamento científico, pelo índice de violência, pela carência da individualidade, racionalidade e pela liberdade. Deste então se construiu um preconceito em relação a Idade Média, “período intermediário, bloco uniforme, séculos grosseiros, tempos obscuros” (PERNOUD, 1994, p. 20).

Nesse período o processo de educação era de total compromisso da Igreja. O funcionamento das escolas era vinculado às catedrais monásticas e muitas funcionavam nos mosteiros. Portanto a Igreja foi um instrumento de extrema essencialidade no desenvolvimento do processo da educação nessa época, a grande disseminadora do conhecimento. Segundo Cambi (199, p. 145), “A Igreja foi o palco fixo por trás do qual se moveu toda a história da Idade Média e um dos motores do seu inquieto desenvolvimento [...]”.

Corroborando com o autor, a igreja católica tinha o monopólio de toda a cultura e educação, ela era a instituição por excelência que criava e copilava todos os inscritos, os ensinamentos e as práticas que hoje são chamadas de conhecimentos.

Temos ai do século VII até o renascentismo no século XV às instituições de ensino mais importantes da época se encontravam nos mosteiros, com princípios muito importantes

aquela época, “Os mosteiros fazem penetrar, lentamente, o cristianismo e os valores que ele veicula no mundo dos campos, até então pouco tocados pela nova religião - mundo das longas tradições e das permanências, mas que passa a ser o mundo essencial da sociedade medieval” (Le Goff, 1995, p. 159).

O ato de repassar os ensinamentos era centrado nas mãos dos monges, que segundo Le Goff (1997, p. 8), o monge medieval “é aquele que chora sobre os seus pecados e os pecados dos homens e que por meio de uma vida dedicada à oração, ao recolhimento e à penitência busca a salvação sua e dos homens”. Os mosteiros eram pessoas letradas que buscavam sempre buscar novas teorias e reforçar os dogmas da igreja católica.

Nessa época não se limitava quem deveria ou não frequentar a escola, nos mosteiros, portanto era frequentada pelos novatos que queriam ingressar para a vida monástica, sem priorizar sua idade. Assim, na escola monástica poderia haver crianças, jovens e adultos assistindo a mesma aula. Na Idade Média o desenvolvimento da criança era dividido em três fases: infância, do nascimento até os sete anos de idade; a pueritia entre os 07 e 12 anos de idade e adolescência, que ia em geral até o casamento (Shahar, 1993, p. 31-40). Algumas crianças eram levadas pelos pais e eram entregues, normalmente com idade entre 5 a 7 anos. Dando-lhes a livre escolha se queriam seguir ou não a profissão.

Como nos diz García Villoslada (1991,p.70) foi em 1539, O espanhol Inácio de Loiola e seus companheiros fundaram na Europa, a Companhia de Jesus, mas só foi aprovado no ano seguinte pelo papa Paulo III. A Companhia chegou ao Brasil em 1549, junto com o segundo governador geral Tomé de Souza, quando já tinha se passado exatamente 10 anos após a fundação da ordem. O grupo religioso composto de seis religiosos era dirigido pelo padre Manoel da Nóbrega. A ordem se estendeu por dois séculos e compreenderam a Província do Brasil e a Vice Província do Maranhão e Pará, ambos pêndulos da Assistência de Portugal. No entanto foi em 1759 que os jesuítas foram expulsos do país e de todas as terras portuguesas por ordem do Marques de Pombal.

Essa ordem religiosa teve a responsabilidade de cuidar de toda educação dos nativos que por aqui habitavam. Tendo como objetivo catequisar os povos que aqui se encontravam. É importante destacar a participação de três grandes padres que vieram participar desse processo, foram eles: Padre Manoel da Nóbrega, Padre Juan de Aspilcueta Novarro e o Padre José de Anchieta, padres católicos de formação jesuítica enviada para cumprir a missão de catequização dos povos nativos aqui no Brasil.

Ao se ocupar com a assistência religiosa dos colonos e com a catequese dos índios, os padres se dedicaram de modo especial à educação e ensino de crianças e adolescentes nas

chamadas aulas de ler, escrever e contar. Para tanto construíram igrejas, colégios, moradas e congressos, e instalaram missões. No entanto alguns colégios funcionavam como verdadeiros centros culturais da época, com atividades literárias, musicais e teatrais cujo modelo de educação que traz os valores religiosos se sobrepondo aos valores laicos, os científicos e racionais.

Neste momento então o pensamento religiosos foi predominante, os valores que fundamentavam a educação no Brasil é uma herança da Idade Média e não própria dela. Fazer com que a igreja católica estivesse sempre no centro das decisões educacionais da época. É dessa educação jesuítica que se originou o que chamamos na contemporaneidade de escola tradicional. Fazer-se bom lembrar algumas características que até hoje ela se fazem presente na nossa história, uma delas é a relação aluno e professor, em que o professor será o centro do processo de ensino, criando a ideia de que o professor deve vir com tudo pronto e preparado e o aluno é aquele que está ali para obedecer e acatar as determinações que o professor apresenta.

Falar sobre a importância da relação professor e aluno é falar da essência da razão de ser e do trabalho das ações pedagógicas nas escolas. O filme *Sociedade dos Poetas Mortos* (Peter Weir, 1990) retrata bem a importante dimensão existente na relação professor e aluno no processo ensino-aprendizagem. Esse filme nos faz pensar como foco a atuação de um educador dedicado e empenhado em, de fato, fazer a diferença na vida de seus alunos (crianças). O diálogo é o melhor retorno que o professor pode dar ao aluno, sendo assim possível para ter um convívio saudável com os seus pequenos. Tornando o aluno protagonista de seu processo de aprendizagem, estimulando-o a buscar informação e a construir conhecimento, que se dá através em uma relação de troca com o professor, em uma via de mão dupla em que ambos aprendem e se desenvolvem.

O filme transparece o entendimento de que o professor faz isso não apenas seguindo o que está especificado no cronograma e repassar os conhecimentos, o mesmo auxilia de forma inspiradora os estudantes a se desenvolverem integralmente e a aplicarem, de modo contextualizado, o que é discutido em sala de aula para construírem seu futuro. E isso, tanto no filme quanto em nossa realidade, tem um alto poder transformador. Como já afirmava Paulo Freire (1997) a "Educação não transforma o mundo. Educação muda às pessoas. Pessoas mudam o mundo". E ainda conforme Freire (1997, p. 55) "as relações entre educadores e educandos são complexas, fundamentais, difíceis, sobre que devemos pensar constantemente", muitas vezes estas deixam marcas negativas ou positivas na vida de ambos.

Tudo que o professor emite em sala de aula, seu relacionamento e sua expressão com os educandos devem instigar os mesmos a aprender; segundo Freire (1996, p. 96) aponta que:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

A relação e a construção do conhecimento são favorecidas a partir do reconhecimento de que o processo educativo acontece em um contexto cultural e é preciso encontrar soluções para articular os conceitos trabalhados com esses contextos de vivência a fim de torná-los mais interessantes e significativos.

Na atuação dos professores pode sugerir muitas teorias, mas o seu papel sempre será fundamental em todas elas, não há educação sem o educador, que pode adquirir várias qualificações: mediador, facilitador, criador, provedor do saber ou mesmo, detentor do saber. O educador deve orientar seu aluno pelo caminho de desenvolvimento adequado as suas fases evolutivas, dando-lhe uma ampla margem de autonomia e confiança em si mesmo e em sua capacidade de solucionar problemas e promover o equilíbrio necessário ao êxito das ações propostas.

Um ponto importante na profissão docente é a afetividade, o afeto é fundamental para o desenvolvimento humano, e através dele que a criança se sente mais estimulada e segura.

Segundo Tassoni (2000, p. 3) afirma:

Toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular. Pensando, especificamente, na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros, escrita, etc. não acontecem puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações.

Miranda (2008, p. 2) destaca sobre a importância das interações e da afetividade:

A interação professor-aluno ultrapassa os limites profissionais e escolares, pois é uma relação que envolve sentimentos e deixa marcas para toda a vida. Observamos que a relação professor-aluno, deve sempre buscar a afetividade e a comunicação entre ambos, como base e forma de construção do conhecimento e do aspecto emocional.

Como vimos, segundo os autores, o professor deve agir de maneira a proporcionar um ambiente instigante e afetivo, permitindo assim ao aluno descobri-lo como ator principal de

sua construção de conhecimento e de sua própria vida. O processo de ensino-aprendizagem precisa beneficiar os conhecimentos introdutórios da criança e suas múltiplas experiências, e a afetividade, onde ambos neste cenário proporcionam apenas um espaço agradável para professor e aluno, contudo sim um ensino humanizado voltada para a mudança, situado na solidariedade. Henri Wallon (2007) (psicólogo, filósofo e pensador da educação) ressalta que a afetividade e a inteligência são indissociáveis, pelo fato de uma complementar a outra.

Através disso, o professor pode procurar desenvolver atividades que possam envolver os alunos de forma agregada, orientando assim na sua prática capaz que desenvolva a expressividade, a emoção, a personalidade e o pensamento criativo e crítico do estudante. Desse modo Wallon (2007) caracteriza as questões afetivas como gatilhos que estimulam o avanço e o desenvolvimento das pessoas. É notório que são instrumentos que vem nos auxiliar na concepção do processo de construção do sujeito, no movimento que vai do bebê ao adulto, conforme os modelos que a cultura do seu tempo disponibiliza. Conforme essa visão é de suma relevância compreender o ambiente educacional como um rico recinto de analogias produtivo entre alunos e professores na troca e na construção de novos conhecimentos.

Em segundo lugar temos que falar do conteúdo, na ênfase e no ensino erudito, enciclopédico, em que não há lugar para cuidar do corpo somente com o intelectual, falando também de avaliação, no qual o sistema de avaliação era onde se cobrava bastante a memorização de dados e na famosa sabatina o professor cobra tudo aquilo que ele lhe acredita ser importante para o aluno, sendo assim não contestação não há crítica só há obediência.

Onde se tinha uma educação mais Magistrocêntrica¹⁰, que por fim se trata de uma educação centrada no mestre, acredita-se que as gerações adultas elas devem passar seus conhecimentos a gerações mais novas, a concepção de infância praticamente não existe, o menino e a menina são tratados como mini adulto, ele já nasce em uma classe social, o filho do camponês ele vai ser camponês, o filho do nobre ele vai ser nobre desde a infância. Não há uma preocupação nem um cuidado com a infância com a essência de ser criança, não há atividades ou preocupações pedagógicas, nesse momento que vai fazer da criança um ser com suas necessidades cognitivas, éticas, humanas que devem ser ali assimiladas à preocupação e outra e inserir esse menino essa menina já no contexto das relações sociais e econômicas do período.

Entretanto a Educação na Idade Pós Moderna (1939-1945), os tempos modernos inauguram no ocidente uma nova forma de pensar bem parecido com os gregos antigos, nós

¹⁰ Refere-se quando o papel do professor é valorizado demais.

temos aí muitas transformações no campo da economia, da política, das descobertas científicas que vai fazer com que a humanidade se preocupe também com a educação. Sendo de grande relevância destacar dois grandes marcos desse momento: A Revolução Industrial (ocorreu entre os séculos XVIII e XIX) e da Revolução Francesa (1789), denominadas revoluções burguesas que vão inaugurar a idade contemporânea, logicamente essas revoluções trouxeram transformações na educação.

A primeira revolução industrial aconteceu na Inglaterra, provocando uma mudança na forma de produzir, deixando a manufatura de lado, antes da revolução industrial tudo que era produzido e feito a partir da força de trabalho humana, ou seja, o artesão ele conhecia todas as etapas do processo produtivo, e ele produzia aquilo que ele acreditava ser importante e útil para a sociedade.

Com a proliferação das máquinas e das indústrias, temos uma produção mais acelerada através do avanço tecnológico, com as extremas transformações tecnológicas trazidas com a Revolução Industrial. Pôde-se ser lembrada ainda na alteração da mentalidade da época, como destacou o historiador Francisco Iglesias 1981:

Do século XV ao XVIII verificou-se verdadeira mudança de mentalidade. A mecânica e a técnica, de menosprezadas, passaram a supervalorizadas. Não é generalizada essa aceitação, pois os preconceitos têm raízes fundas, dificilmente removíveis. Ainda no século XVIII e mesmo nos seguintes, até o atual, encontra-se certa atitude de suspeita ante o manual ou mecânico, enquanto se realça o ócio, o lazer, a condição de nobreza, que não trabalha ou só trabalha com a inteligência e exerce o comando. Daí a desconsideração com tarefas como as agrícolas - trevolar as terras com as mãos - as artesanais ou manufatureira, ou mesmo as comerciais (...). Curioso lembrar como os médicos, forrados de humanismo, não tinham respeito pelos cirurgiões, pois exerciam labor mecânico. Até 1743 - repare-se a data - eram vistos como espécie de barbeiros. (p. 40-41).

De acordo com o historiador a consequência da revolução industrial pode-se apontar o avanço tecnológico de forma instigável, que veio ao ponto de desencadear uma enorme sucessão das novas transformações que viriam posteriormente. As mudanças de mentalidade com os preconceitos difíceis de remover; apesar das mudanças o menosprezo às atividades agrícolas, manuais ou comerciais.

Após a chegada dos domínios tecnológicos a vista urbana sofreu modificações de forma radical, tendo uma enorme migração das pessoas que viviam no campo para as cidades que agora começam a criar muito mais vida, tendo em vista um cenário muito diferente da Idade Média, em que o campo era predominante, agora há cidades em abolição, transformando as relações de trabalho e as relações humanas.

Segundo Rezende ¹¹ Uma dessas primeiras relações e a diferença gritante na forma de trabalho, poucos que são aqueles donos das maquinas e das indústrias, os burgueses a burguesia, são os donos dos bens e da produção e agora nós temos uma grande massa de operários, ou seja, de proletariados, pessoas que sustentam sua família, temos ai uma divisão da sociedade capitalista vem trazer dois grupos antagônicos: burguesia e proletariado, que logicamente terão acesso a dois diferentes modelos de educação, a burguesia vai ajudar a formar a elite intelectual, enquanto a classe trabalhadora vai ter acesso a uma educação de formação de pessoas técnicas, que conheçam a instrumentalização das maquinas, que saibam operar maquinas, ou seja, há uma divisão na sociedade entre trabalhadores e intelectuais futuros condutores da nação e trabalhadores braçais os conduzidos da nação.

A revolução francesa colaborou com uma grande transformação da educação. Devido ao grande descontentamento do povo, a Revolução Francesa foi um momento histórico revolucionário ocorrido no final do século XVIII. Este momento marcou o fim do absolutismo e teve um impacto significativo no pensamento iluminista.

Através desse contexto HOBBSAWM, 1996 afirma que:

A Revolução Francesa foi, de fato, um conjunto de acontecimentos suficientemente poderoso e universal em seu impacto para ter transformado o mundo permanentemente (...). Metade dos sistemas legais do mundo está baseada na codificação legal que a Revolução implantou. (...) A Revolução Francesa deu aos povos a noção de que a história pode ser mudada por sua ação. Deu-lhes também o que até hoje permanece como a mais poderosa divisa jamais formulada para a política da democracia e das pessoas comuns que ela inaugurou: "liberdade, igualdade, fraternidade". (p. 124-5)

Por motivos de suas contribuições históricas a Revolução Francesa espalhou no mundo os ideais de Igualdade, Fraternidade e Liberdade com a finalidade de tornar a sociedade mais acessível a todos os cidadãos.

O filme *Tempos Modernos* 1930 do genial Charles Chaplin, realizado nos início dos anos 30 do século XX, segundo Sousa¹², foi uma contundente crítica ao sistema produtivo da época, alicerçado na visão taylorista-fordista com extrema divisão do trabalho, retratando dessa relação. É importante falar sobre a alienação do trabalhador, pois o trabalhador não conhece todas as etapas do processo, ele este inserido em uma indústria e ele vai praticar somente uma forma de produção, ou seja, ele vai conhecer apenas uma etapa do processo produtivo, denominado alienação do trabalho, com pode ver na empresa automobilística, cada

¹¹Ver em: REZENDE, Milka de Oliveira. "Proletariado"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/proletariado.htm>. Acesso em 07 de abril de 2021.

¹² Ver em: SOUSA, Rafaela. "Taylorismo"; Brasil Escola.

pessoa tem uma função para trabalhar, então temos aí logicamente a alienação do trabalhador que antes conhecia todas as etapas de produção agora ele está reduzido há apenas uma única ação. “Não sois máquinas! Homens é que sois!”¹³

A igreja católica durante a revolução perdeu todos os seus poderes, as suas terras foram confiscadas, todos os seus direitos foram tirados, porque até mesmo os iluministas, a burguesia, o terceiro estado que estava conduzindo essa revolução acreditava que a igreja era uma instituição que deveria ser separado do estado, surgiu então à luta pela laicização do ensino, em que a educação deveria ser laica e não poderia ser misturada com assuntos religiosos, a educação deve levar à população a emancipação humana, partir do desenvolvimento do ensino, da inteligência, da racionalidade a partir de descobertas científica e do amadurecimento intelectual, pois na visão de alguns burgueses e a igreja católica era um entrave ao desenvolvimento científico da época, ou seja, a igreja era um centro de superstição e racionalidade, tendo aí como, por exemplo, então temos aí uma divisão entre o estado e a igreja o que chamamos de laicização do ensino.

2.1.1 Homens/Mulheres no magistério: compreendendo esse fator histórico

Percebe-se que desde o início da história da educação do Brasil, após a chegada dos jesuítas, até o final do século XIX, o ministério da profissão docente era predominante representado pela figura do homem como sendo um molde para a conduta das crianças e menção para a formação do caráter. Louro (1997, p. 92) a esse respeito, aponta que:

O mestre – e o jesuíta é seu exemplo mais perfeito – é cuidadosamente preparado para exercer seu ofício. Ele se torna um ‘especialista da infância’, ele domina os conhecimentos e as técnicas de ensino, as armas para a conquista das almas infantis e para a sua vigilância, ele sabe graduar seus ensinamentos, estimular a vontade, treinar o caráter e corrigir com brandura – ele é o responsável imediato e mais visível da formação dos indivíduos.

De fato o que não é de se estranhar, visto que essa representatividade se dava através do homem (e ainda representa) o princípio que a sociedade de forma coletiva deve abraçar equivalendo a ele o cunho de sujeito detentor da razão, do autoconhecimento, bem como aquele capaz de participar das tomadas das deliberações que regem a sociedade. Reforça Cury (2003, p.65).

¹³ Discurso de Charles Chaplin no final do filme “O grande ditador”.

Os educadores, apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos.

A partir dessa conclusão, pode-se concluir que os professores são a alma do estabelecimento escolar. Sua tarefa importante é formar cidadãos e desenvolver cidadãos neles. Capacidades de realidade crítica para que possam usar o conhecimento que aprenderam na escola em situações e /ou locais diferentes.

Sendo assim, por essa vertente, a educação constituía-se numa ação marcadamente máscula, pois era feita por homens e para homens, visto que o entrada das mulheres à educação não era garantido.

Pelo complexo das questões envoltas, nota-se que o enfoque sobre gênero docente, raro tem sentido na esfera políticas, entretanto, trazer para a discussão as construções com a finalidade a este fazer-se docente, pelo homem ou pela mulher na Educação Infantil é de ampla relevância.

Ao falarmos dessa presença na educação infantil, a dos bebês, abordaremos as concepções de gênero. Assim como apontar possíveis articulações que torne possível a desconstrução de argumentos excludentes e binaristas¹⁴ no que se diz respeito ao gênero da docência de crianças pequenas.

Em enfoque nas analogias de gênero que segundo (Scott, 1995), “é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, como também uma forma primaria de dar significado às relações de poder”, ou seja, gênero e poder seriam construções recíprocas.

As relações de gênero são resultado de um processo social que se inicia no nascimento, fato esse recorrente no momento da descoberta do sexo do bebê, a família e pais da criança predominam a questão da cor, no entanto em algumas culturas representaria a cor rosa que será menina e a azul menino e segue ao longo de toda a vida. Vivemos em uma sociedade, em que esse processo vem por aumentar a desigualdade presente entre homens e

¹⁴ O termo descreve um sistema no qual a sociedade divide as pessoas entre homem e mulher, e determina para elas papéis sociais de gênero, identidades de gênero e atributos. Papéis de gênero são um dos aspectos de um sistema de gêneros binários. Várias sociedades têm utilizado o binário de gênero para dividir e organizar as pessoas, apesar da forma como isto ocorre diferir entre as sociedades. Para Judith Butler (2013), o gênero é uma construção histórico-social normatizadora, cujo intento seria a regulação dos sujeitos através da oposição binária entre masculino e feminino, pautado numa matriz heterossexual, sendo o gênero construído num processo de naturalização da significação do ser feminino e do ser masculino, reiterado e reforçado ao longo do tempo.

mulheres, especialmente em relação à sexualidade, da reprodução, da divisão sexual do trabalho e do âmbito público/cidadania.

Segundo Grossi (2000), o conceito de gênero, inicialmente utilizado por pesquisadoras norte-americanas, tem relação com as identidades subjetivas de homens e mulheres. Tal conceito surge no século XIX e afirma que a biologia determina a essência feminina e masculina, de forma que os comportamentos podem ser explicados pela genética ou pelo funcionamento fisiológico.

Viezzzer (1989, p. 107), ao falar sobre gênero, destaca:

[...] o vocábulo gênero foi empregado de forma tradicional como sinônimo da indicação de sexo, ou seja, o fator biológico da distinção entre machos e fêmeas, foi utilizado para se referir às diferenças impostas socialmente entre os traços característicos e papéis masculinos e femininos. Ela salienta que o termo sexo é fisiológico, enquanto gênero, no seu sentido amplo, é cultural.

Ainda falando sobre a questão de gênero, Scott (1995, p. 86) ressalta que “[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

É de suma importante fazermos destaque aqui sobre os estudos de gênero em que têm tratado em maior escala dos assuntos relacionados às mulheres, a noção de gênero não se limita ao feminino apenas. Ao contrário, indica “construções culturais” e oferece condições para distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos a mulheres e a homens (SCOTT, 1995). Portanto, é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros e “ainda que os estudos continuem priorizando as análises sobre as mulheres, eles estarão agora, de forma muito mais explícita, referindo-se também aos homens” (LOURO, 2001, p.22).

Para compreender melhor essa temática, buscaremos nos aprofundar nos estudos dos autores aqui citados nessa presente pesquisa, como: Louro (2001), Scott (1995), Sayão (2005), Carvalho (1999), Ramalho (2002), Cardoso (2004), Araújo (2006), entre outros, que vem pensando essas questões, a luz dos seus percursos formativos e das inquietações que eles têm em relação a esse tema, com o intuito de responder perguntas e rebater comentários desfavoráveis a respeito da atuação do homem na educação infantil. Por ser um tema que chama atenção, antes de pensar a questão do homem na educação infantil, também abordaremos a relação do homem com a criança no que diz respeito ao educar, ao cuidar, ao respeitar, ao estar junto.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional Educacional para Educação Infantil - RCNEI (Brasil 1998, p.25):

O cuidado precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. Os procedimentos de cuidado também precisam seguir os princípios de promoção à saúde. Para se atingir os objetivos dos cuidados com a preservação da vida e com o desenvolvimento das capacidades humanas, é necessário que atitudes e procedimentos estejam baseados em conhecimentos específicos sobre o desenvolvimento biológico, emocional, e intelectual das crianças, levando em consideração as diferentes realidades socioculturais.

Os comportamentos relacionados ao cuidado são apresentados de uma forma que enfatiza o desenvolvimento geral das crianças, envolvendo emoções, relacionamentos, biologia, alimentação e saúde.

Segundo Waldow (2004, p.21), ressalta que,

O cuidado é um processo, um modo se relacionar com alguém que envolve desenvolvimento e cresce em confiança mútua, provocando uma profunda e qualitativa transformação no relacionamento. [...] é ajudar o outro crescer e se realizar.

Assim como Brasil (1998, p.23) baseado no RCNEI, Educar significa:

Propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação entre pessoas, de ser, e estar com os outros em um modo básico de aceitação, respeito, confiança, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Os Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação infantil (2006) colocam a importância do trabalho como o ato de cuidar e o educar de forma inseparável, valorizando as necessidades e os direitos que cada criança possui.

O processo educativo das crianças é muito formidável para o seu desenvolvimento, quanto para sua vida em todos os critérios. Nesta perspectiva, ao falar no termo criança, encontramos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil- DCNEI (2010, p.12) a seguinte concepção de criança:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Corroborando com a lei, compreendemos a criança como um sujeito ativo, dinâmico, fenológico, de direitos, um ser que por muito tempo não se pensava, aquele indivíduo individualizado, silenciado. No entanto para Froebel (2007), por sua vez, ver a criança como um ser ativo, que estabelece conexões internas, que tem o dom inato da aprendizagem, que

usa sua experiência por intermédio da auto atividade, que faz reflexões com o auxílio de adultos e, assim, chega à autoconsciência.

Já para Montessori (2007), a criança é o ser que reserva em si mesmo as melhores potencialidades, as quais precisam ser despertadas para melhor desenvolvimento da pessoa. Assim como Vygotsky (1998), afirma que a criança é um ser social e faz parte de um contexto macrossocial, o qual interfere no seu comportamento através de atividades mediadas entre este ser e a linguagem.

Através das definições dos autores entendemos que a criança é o ser humano (o sujeito) na fase da infância, que vai do nascimento à puberdade. Ou seja, aquele sujeito de direitos. Assim como o termo criança teve seus estudos realizados por pensadores, a infância também teve suas contemplações. Em nossa época, gerações de pessoas vivem em espaços exclusivos. Na sociedade contemporânea, podemos ver facilmente a separação das faixas etárias.

Além da determinação natural, a cultura humana também produz e eles continuam a produzir significado para todas as fases da existência humana. As regras de conduta são institucionalizadas para diferentes fases da vida e expressas cumprindo papéis sociais. Portanto, podemos considerar socialmente construída. Com o estabelecimento, a construção social da criança começa a se concretizar valores morais e expectativas de seu comportamento. A seguir estão algumas considerações de alguns autores sobre o conceito de infância.

Rousseau criou o conceito de infância (apud CERIZARA, 1990, pg. 82) ao dizer que “A criança não é um adulto inacabado, ela possui seu valor nela mesma. Em certo sentido, que é o mais importante, cada idade se basta a si mesma”. Esta passagem se explica pelo fato de que nessa época em que Rousseau viveu, a criança era vista como um pequeno adulto, o qual precisava se adaptar ao que era desenvolvido para os adultos.

Assim como também contempla Ghiraldelli (1997), que a infância é um elemento interno e indispensável à construção da subjetividade moderna, na versão iluminista ou na versão romântica, sua relação com o entendimento contemporâneo da subjetividade ganha outra dimensão. Nesse caso, nosso entendimento a respeito das possibilidades da infância é dado pelas respostas a respeito do que vem a ser a subjetividade.

De acordo com os autores mencionados a cima, a infância é o período que é compreendido desde o nascimento até o desenvolvimento do sujeito. Muitas transformações físicas, psicológicas e sociais mediadas pela cultura acontecem com a criança durante essa jornada. Com isso tornando-a cada vez mais capaz de compreender o que acontece no seu

entorno estimulada pelas brincadeiras, a escolarização, a convivência com outras pessoas e outras formas de interação com o mundo.

É notório que a infância é o período onde o ser humano sofre grandes mudanças de tamanho e peso, além de ser a fase no qual adquirimos nossa personalidade, isso porque nos desenvolvemos psicologicamente, mudando assim os nossos comportamentos. É olhar para infância não como um lugar que é demarcado apenas por uma cronologia temporal da vida, da criança, mas como o lugar onde essas crianças que são esses sujeitos potentes se colocam e vivem a sua infância.

Com a promulgação da Constituição Brasileira em 1988, a educação agora, as crianças têm um capítulo que estipula os direitos das crianças de 0 a 6 anos. Na década de 1990, foi criado o ECA (Regulamento para Crianças e Jovens), Contribuiu para a implementação de políticas públicas de educação infantil, Alguns anos depois, LDB ("Diretrizes Educacionais e Direito Fundamental") 9394-96, que define a educação infantil como A primeira etapa da educação básica.

A infância começou a ser entendida, Respeitada e amparada pela legislação apenas no final da década, passando a conquistou a creche e pré-escola , referências e parâmetros do curso, de acordo com sua função. A educação infantil é educar e cuidar das crianças em um espaço formal, considerando alimentação, entretenimento e higiene, e respeite os papéis lúdicos as atividades enfatizam o desenvolvimento geral da criança.

A partir das leituras realizadas nesta pesquisa, percebemos que o conceito de criança e infância se firma ao longo da história e, a cada época, essa forma de compreender a criança e a infância a partir de sua formação social.

A educação escolar é organizada pela LDB em educação básica e educação superior, colocando a educação infantil, como a primeira etapa da educação básica. Portanto a Educação básica estipulada no Artigo 29 e Artigo 30 da Lei creches e jardins de infância para crianças de 0 a 3 e de 4 a 6 anos. Com emendas Convenção Constitucional nº 53/2006, que prevê mudança entre idades durabilidade máxima previamente estabelecida na educação infantil, a LDB e a Constituição baixaram o limite de idade para 05 anos, com isso a educação básica passa há durar 09 anos.

A respeito à formação dos professores para trabalhar na Educação básica , em 1996, a LDB, em seu artigo 62, determina que:

A formação de docentes para atuar na educação far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena em universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na

educação infantil e nas quatro séries do ensino fundamental, oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Corroborando com a lei, e no que vem explicito em seu artigo, em momento algum ela especifica o sexo do profissional, se deveria ser um professor ou uma professora ou um homem ou uma mulher que deve trabalhar na educação infantil. Apenas especifica que devem ser professores qualificados.

Importante reiterar que estatisticamente a inserção de professores do sexo masculino na educação infantil é muito pequena, mas tem inspirado vários pesquisadores, dentre outros é possível destacar os trabalhos de Marília Pinto de Carvalho (1999), Nailde Ramalho (2002), Frederico Assis Cardoso (2004), Deborah Thomé Sayão (2005), Janaína Rodrigues Araújo (2006), Wesley Lopes da Silva (2006), Benedito Gonçalves Eugênio (2008) e José Luiz Ferreira (2008). Na qual seus conhecimentos foram formidáveis para o aprimoramento dessa pesquisa.

Afora isso, estudos apontados por Sayão (2005), diz que o ritual de passagem muito se evidencia quando um professor homem inicia o trabalho na instituição de educação infantil, visto que, colocar à prova sua competência e habilidade para o trabalho, é um fator de grande importância para a permanência na instituição.

Este Ritual de Passagem imbrica-se com a ideia de Ritual de Instituição, descrito por Bourdieu, porque prescreve comportamentos desejáveis em creches, uma adesão ou não à cultura da creche. Várias provas são postas aos docentes, dentre elas: assumir turmas consideradas “difíceis” porque agregam crianças de pouca idade ou porque há crianças “violentas” ou “indisciplinadas”; colocação dos docentes para atuarem com os bens pequeninhos/as (SAYÃO, 2005, p, 137).

A relação do cuidado, a higiene, afetividade ou alimentação, põe-se reduzindo o trabalho desses profissionais, tanto o professor quanto a professora, passando assim a enfrentar uma desvalorização da profissão por desempenharem um trabalho com crianças. Trata-se da ideia de que para cuidar e educar não exige preparo. Exige sim, pois para além do ritual de passagem, Sayão (2005) aponta para a existência do estágio probatório e do estágio comprobatório, constituídos por outras formas de, não tão somente avaliar, mas confirmar se o professor é capaz de assumir uma turma de crianças pequenas. E para mostrar que o ato de cuidar não é algo inato, que as pessoas não nascem mulheres já sabendo cuidar e homens não sabendo ou vice-versa. Mas se trata de algo que pode ser aprendido, de algo que é construído.

Sobretudo, o trabalho realizado por professores homens na educação infantil, principalmente no cuidar e educar, está muito atravessado por paradigmas e preconceitos. O professor, ao chegar a um espaço dominado por mulheres, gera incômodo, incerteza,

desconfiança e estranhamento. Acabam sendo estereotipados, pondo a prova a sua sexualidade, por estar em ambiente predominantemente feminino e assumirem atividades profissionais consideradas femininas.

Há ainda o desenvolvimento da masculinidade(s) nos espaço infantil e como isso pode ser referência na construção da identidade(s). Acreditamos que uma formação adequada que olha para marcos legal, para as produções teóricas, importantes na área fomentam a formação e a composição constante que nunca acaba de professores, de docentes capazes de desenvolver um trabalho de qualidade independente do gênero.

O olhar de desconfiança para esse homem que chega à educação infantil e constante, Joaquim Ramos (2017) em sua tese e questiona e explica que para o homem ingressa na educação infantil, são posto sobre ele(s) alguns divisores de águas, no qual além dele passar pelo estágio probatório existentes nos concursos públicos, o mesmo tem que passar também pelo comprobatório, o mesmo precisa provar que ele é homem, mas que ele é um homem que não vai praticar aquilo que foi construído historicamente sobre o seu ser, pois raramente vimos com frequência nos diversos meios de comunicação, que uma criança tenha sido assediada, molestada ou abusada sexualmente por um professor da educação infantil e, além disso, tem o período de permanência que por muitas vezes o homem não continua ali na educação infantil sempre indo pra a área administrativa: seja uma direção, uma condenação ou para o ensaio fundamental, enfim existem essas questões e que e algo bastante comum nos tempos atuais.

Em relação a esse preconceito podemos perceber até na história do professorado, a cultura como esses espaços estão impregnados e também no imaginário social do que é construído do que é ser professor, quando nos deparamos com o final do século XIX, podemos perceber que boa parte desses professores que ocupavam esse magistério eram homens, em meados do século XIX, as mulheres vão entrando em grande escala no corpo docente, dentro desses espaços.

Trazemos a partir de Rabelo (2008) essas concepções de gênero, de masculinidade. As crianças e todos nós convivemos desde que nascemos em meio a uma sociedade heterogênea. Com homens, mulheres, trans, homossexuais, enfim com uma diversidade imensa. Predestinadas como as identidades sexuais, em que e prescrito as maneiras como as pessoas vivem sua sexualidade. Diz respeito à orientação sexual, ou seja, sente atração por pessoas do mesmo gênero (homossexual), sente atração por pessoas do gênero oposto (heterossexual), por ambos os sexos (bissexual), por nenhum dos gêneros (asexual) e por todas as expressões de gênero (pansexual).

O campo da diversidade sexual e de gênero abarca, assim, as identidades Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTQIA+). Nesse amplo campo, a identidade de gênero vem se configurar como um elemento que reitera a distinção identitária entre travestis e transexuais, de um lado, e gays, lésbicas e bissexuais, de outro (CARVALHO, 2011).

Bourdieu (2010) afirma que o surgimento desses novos tipos de família e o acesso à visibilidade pública de novos modelos de sexualidade (sobretudo a homossexualidade) contribui para quebrar esse paradigma e ampliar o espaço de possibilidades em matéria de sexualidade. Portanto, no caso de família composta por casais homossexuais, não foi cerceado o direito de participação de integrantes das diversas e diferentes composições familiares.

E ao reduzirmos e limitamos essa convivência com as crianças no espaço da educação infantil, não reforçamos uma ideia que não existe muito maniqueísta, muitas questões binárias¹⁵, assim como no caso da masculinidade.

Nessa mesma acepção Connell (1995) nos mostra que há um pacto, um costume conhecido nas analogias sociais, no que diz respeito à construção da hegemonia heterossexual masculina. O autor relata o seguinte sobre essa questão.

Existe uma narrativa convencional sobre como as masculinidades são construídas. Nessa narrativa toda cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens. Os rapazes são pressionados a agir e a sentir dessa forma e a se distanciar do comportamento das mulheres (...) a feminilidade é compreendida como o oposto. A pressão em favor da conformidade vem das famílias, das escolas, dos grupos de colegas (...), (CONNELL, 1995, p.189).

O autor alerta, porém, que não existe uma masculinidade fixa, existe masculinidades, modos de estarem no mundo, de composição de sujeitos, de professores, pais, amigos e irmãos. Dessa maneira, compactuamos com o pensamento de que “não devemos pensar as masculinidades como construções fixas, mas, sim entendidas como capazes de ser permanentemente reconstruídas” (CONNELL, 1995, p.189).

Desse modo o conceito de maternagem¹⁶ se diz respeito a: escuta sensível, o olhar atento, aos significados que precisão ter no processo educativo e que sempre devemos estar nos perguntando por quê fazer isso? Para que fazer aquilo?

¹⁵ O termo descreve um sistema no qual a sociedade divide as pessoas entre homem e mulher, e determina para elas papéis sociais de gênero, identidades de gênero e atributos. Papéis de gênero são um dos aspectos de um sistema de gêneros binários. Várias sociedades têm utilizado o binário de gênero para dividir e organizar as pessoas, apesar da forma como isto ocorre diferir entre as sociedades.

¹⁶ O vocábulo maternagem é uma tentativa de tradução para língua portuguesa da palavra “mothering”, que enfatiza as dimensões culturais e históricas da criação de filhos, em contraposição à dimensão biológica da maternidade (CARVALHO, 1999).

Se a afetividade e as influências mútuas são subestimadas pelo gênero, o qual se apresenta, como se o homem em sua natureza, pudesse oferecer risco no cuidado em contato com uma criança. E em relação às mulheres? Elas estão isentas de oferecer riscos às crianças? Se o professor homem é visto na educação infantil como um perigo para os pequenos, por se ter essa visão construída culturalmente de que, o sujeito do sexo masculino ao educar (cuidar) as crianças pequenas, iria abusar sexualmente delas, daí surge à importância de mais estudos referente a essa temática. Pois a maioria das vezes isso acontece com muita frequência no seu próprio conforto do seu lar, abuso esse, praticado um parente familiar ou até mesmo por um parceiro de uma relação, na qual por maioria dos casos com o consentimento da própria mãe ou responsável legal.

Diante tudo buscamos trazer ressignificações a partir deste contexto com o intuito promover reflexões que surgem a partir da atuação do homem na educação infantil, tais como: será que não há uma urgência em revermos percepções, de repensar nossos olhares, desconstruir estereótipos, tencionar paradigmas, mobiliza-lo e nos questionamos o tempo todo e questionarmos os outros, pois nada estar pronto, sobretudo na educação. Sim! Afinal precisamos estar o tempo todo atento, claro com base e fundamento às mudanças que vem acontecendo sobre esse sujeito. No entanto a sexualidade do professor e sempre colocada em xeque e à prova, no primeiro momento em que eles são um risco, se eles se mostram heterossexual.

2.2.1 A emigração do homem na docência e o ingresso da mulher

Ferreira (1998) aponta que, com o processo de urbanização do séc. XIX, quando o trabalho livre substituiu o trabalho escravo, o preconceito, a divisão sexual do trabalho e principalmente o avanço insignificante do mercado de trabalho e do uso tecnológico, resultou que muitos professores acabaram deixando os ambientes escolares para atuarem em outros ambientes de trabalho, na disputa de postos ou funções oferecidas pelo mercado de trabalho em franco processo de industrialização. Foram esses alguns dos motivos pelos quais se originou a evasão do público masculino na docência.

Por conseguinte, conclui-se que o abandono do número significativo dos homens do ensino, principalmente o primário, relacionado a educação infantil, ao percurso de longas décadas pode ter sido uma saída em busca de empregos com melhor salário, circunstância que foi causada pelo desenvolvimento industrial do país e sua consequente modernização, tendo

em vista que “(...) a economia capitalista industrial demandava a criação de novos empregos a serem preenchidos pela população masculina (...)” (ALMEIDA, 1998, p. 70).

Mesmo com a chegada das mulheres no magistério que começou acontecer por volta do século XIX em grande escala, havendo uma divisão sexual do trabalho dentro dessa trajetória da educação, porque elas inicialmente se concentram aí nessa fase dos cuidados iniciais e os homens, digamos assim vão ministrar as aulas nas etapas mais avançadas da educação, por atuar o homem em outra vertente, se caracteriza por uma espécie de divisão do trabalho, tendo em vista que “Às mulheres que podiam ir à Escola Normal [...] ensinavam-se prendas domésticas e música juntamente com português, francês, aritmética, geografia e história, pedagogia etc. [...]” (ALMEIDA, 2006, p. 73).

O educar, que por muito tempo era uma atividade eminente masculina, passou a ser uma função exercida pelas mulheres.

Com o capitalismo industrial iniciado no séc. XVIII altera-se radicalmente o perfil das famílias. Aumenta-se cada vez a necessidade de mão-de-obra para o mercado de trabalho. Refaz-se a hierarquia das profissões, agregando-se valor naquelas mais condizentes com as novas exigências do mundo industrializado. Nesse contexto, o magistério sofre abalos significativos. Deixa de ter o prestígio de outrora e, de forma visível, vai mudando paulatinamente, de sexo. As mulheres vão substituindo os homens na “nobre” missão de educar. Não é, entretanto, uma mudança puramente biológica. Ela se inscreve no campo do simbólico. Na realidade o que muda é o gênero do magistério e não o sexo, de uma ação eminentemente masculina para uma atividade feminina (CHAMON, 2005, p. 11, grifos do original).

Outra contribuição de Chamon (2005), diz respeito às insuficientes condições de trabalho e de salários, que têm sua origem no descaso do Estado para com o ensino público. Isso foi cada vez mais afastando os professores da escola elementar e trazendo mulheres para ocupar os postos de docência deixados pelos homens; assim as mulheres passaram a ser convocadas pelo Estado a serem professoras.

Ao questionarmos essa problemática construída socialmente e culturalmente de que para educar ou cuidar, seja necessariamente desenvolvida especificamente por uma figura feminina na educação infantil, percebemos que:

Ao observar a LBD (BRASIL, 1996 a), lei que rege a educação no país, assim como o RCNEI (BRASIL, 1998), documento base para a atuação na Educação Infantil, pode-se perceber que em nenhum momento, nem na descrição do perfil profissional do/a professor/a, é demonstrada alguma preferência de que o profissional da Educação Infantil seja do sexo feminino ou masculino. Já no Projeto de cooperação técnica MEC e UFRGS para construção de orientações curriculares para a Educação Infantil, denominado “Práticas Cotidianas na Educação Infantil - Bases para a Reflexão sobre as Orientações Curriculares”, em sua introdução, traz em nota de rodapé que o projeto foi criado tendo em vista as professoras de Educação Infantil e

também como um “convite para que os homens assumam maior compromisso com a educação das crianças pequenas, especialmente nos estabelecimentos escolares” (BRASIL, 2009b, p, 5).

As questões que relata sobre o ato do cuidar e o educar, desperta variadas discursões, sobre o quê, como, para quem fazer e quem poderá fazê-lo. Nessa vertente, o papel do professor é fundamental no desenvolvimento das atividades na educação infantil, visto que ele é o mediador entre a criança e o conhecimento. O cuidar e o educar de crianças também envolve uma ação integrada entre quem ensina e quem aprende.

Em relação às variáveis existentes do gênero no trabalho com a EI¹⁷ são destacadas quando o trabalho é desenvolvido por um professor homem. A saliência desse conteúdo acaba por mostrar resistências na contratação por órgãos desses profissionais e o preconceito põe-se a tirar a oportunidade de trabalho com crianças ser feito por ambos os sexos, pois são formados e capacitados para desenvolver essa função. O embasamento deste discurso possui alusões históricas, que não eis negado, e vindo à tona no momento quando as políticas para educação infantil foram reformuladas. Os diversos meios de acesso, democratização e oferta desta etapa da educação básica sofreram modificações com o passar dos tempos.

No século XIX a maciça entrada das mulheres no mercado de trabalho começa a ameaçar a ordem patriarcal estabelecida. As ciências, em especial a medicina, respondem a esta ameaça com um detalhado exame das diferenças entre homens e mulheres. O consenso, a partir de estudos da anatomia fisiológica, da biologia evolucionária, assim como de outras ciências era de que homens e mulheres têm diferenças relativas à anatomia, ao temperamento, à fisiologia e ao intelecto. (TIRIBA, 2005, p, 03).

Pois até hoje quando nos deparamos com o próprio censo escolar¹⁸ percebemos essa divisão e o quanto ela é marcada, o professor que ocupa a educação infantil é uma minoria, o professor que chega ao ensino superior ou na docência, ele acaba sendo um público alvo masculino do que feminino, porque antes o fato do homem ocupar um espaço que é majoritariamente feminino, surgia e ate hoje surgem diversas perguntas, como será que ele vai da conta? Ele tem capacidade? Em que deixamos de sermos a novidade, e passamos a ser o centro das atenções em toda a escola.

Historicamente existia uma definição da mulher como o sujeito apropriado para cuidar das crianças o que é muito questionável, porquanto se formos olhar as composições familiares

¹⁷ Sigla utilizada pelo pesquisador para se referir a Educação Infantil.

¹⁸ O Censo Escolar é um levantamento de dados estatístico-educacionais de âmbito nacional realizado anualmente. Com ele, o Inep verifica desde o número de matrículas e rendimento dos alunos até a infraestrutura das escolas e funções docentes. Os dados são fornecidos pelas próprias escolas, públicas e privadas, e redes de ensino estaduais e municipais.

hoje, composta por uma rica diversidade, de dois pais ou de um pai que cria seus filhos só, um homem e uma mulher, duas mães e de professores como meu futuro e de muitos outros que são preparados e que estão com as crianças no dia a dia, percebemos através do nosso convívio em sociedade que de fato existem possibilidades da masculinidade de pais, professores, capaz de torna-se totalmente distintas daquilo que historicamente foi construído.

Por nossa sociedade Brasileira ser considerada uma sociedade patriarcal¹⁹, a mulher é vista como um ser reprodutor, o homem por sua vez é visto como um ser produtivo. Quando analisamos o campo da educação infantil, primeira etapa da Educação Básica. A educação infantil é dividida entre o maternal e a pré-escola, maternal muito ligado à questão doméstica da maternagem, isto historicamente e o processo de feminização²⁰ do magistério comprova isso questões culturais e sociais é destinado às mulheres e é por isso que sustenta todo esse preconceito que é oriundo do machista do patriarcado, das concepções que é entogada, mas que ainda existentes. Pois não são apenas as mulheres que sofrem preconceito no mercado de trabalho, nos homens também sofremos.

Carvalho (1998, p.03), trazendo a história, ajuda a compreender as transformações sociais que levaram à feminização do magistério:

No caso brasileiro, ao longo das primeiras décadas do século XX, já se encontra a hegemonia de um discurso que associa o ensino primário com características consideradas femininas, tais como o amor às crianças, a abnegação e a delicadeza, e que relaciona cada vez mais enfaticamente a docência e a maternidade (Louro, 1997; Lopes, 1991). Na década de 1920, de acordo com Marta Carvalho (1989), produz-se um deslocamento no discurso educacional dominante no país, que passa a enfatizar não mais a escola como templo da ciência, que instrui pelo intelecto o cidadão, mas uma escola de caráter formador, entendida aqui a formação como moralização, civilização, disciplina e higiene. Isto é numa sociedade profundamente hierarquizada e racista, em que as elites consideram o povo mestiço e ignorante como principal obstáculo à modernização, a educação integral e formadora que se propõe antes de mais nada um caráter de controle: controle dos corpos, disciplina para o trabalho, aquisição de hábitos higiênicos. Uma educação cívica que buscava construir mentes e corações disciplinados em corpos saudáveis para assim forjar a nacionalidade brasileira.

Diante deste contexto histórico da educação infantil vista como um lugar inicialmente apenas do cuidar, de ser um direito da família, constitui-se muito a ideia no imaginário

¹⁹ É um sistema sociopolítico que coloca os homens em situação de poder, ou seja, o poder pertence aos homens.

²⁰ O termo utilizado está de acordo com o entendimento de Carvalho sobre feminização, no que diz: não é apenas a entrada de mulheres na ocupação de professora, mas ao lado da mudança na composição sexual da ocupação, também um processo de deslocamento de significados – de escola, ocupação, ensino, mulher, feminilidade, maternidade, masculinidade, criança – que resultou na contiguidade observada hoje entre representações de mulher, mãe e professora.

coletivo de que as mulheres, as mães ou as que podem ser mãe seriam as melhores pessoas para desempenharem esse trabalho.

E curioso imaginarmos que hoje em dia alguns homens que procuram o curso de pedagogia com o intuito de seguir uma carreira que é mais organizacional. Hoje em dia podemos perceber um grande acesso e permanência de homens procurando de fato cursar o curso de pedagogia, horas às vezes para atuar nos anos iniciais ou na educação infantil.

A importância da presença masculina na educação infantil, se dá através de três motivos: o ciclo da ideia de uma criança ser cuidada também por homem provavelmente, ela vai poder cuidar de outras crianças, com isso, desfazendo essa ideia do cuidado na infância é exclusividade do feminino por ser tomada de uma ideia de que a mulher, a mãe e quem devem cuidar da criança, por outro e essa ideia da tia ou tio e bem a ideia da maternagem na escola como extensão da casa então isso desfaz essa perspectiva, além do terceiro argumento onde eu acho bastante interessante e a ideia de que a criança quanto mais plural for a sua referência afetiva, será o seu desenvolvimento.

Então a história do número de mulheres ocupando os lugares educacionais da educação infantil e as modificações históricas que sustentam essa estatística é muito ruim pra mulher, para o homem também e especialmente ruim para as crianças. Já para a mulher, porque ela questiona essa ideia de que ela tem que continuar sendo vocacionada a maternidade seja no chamado de maternal puxando para o lado biológico, para o homem porque tira dele a possibilidade de poder cuidar de crianças e para as crianças porque perdem a oportunidade de terem as referências do plural, então à escola é um espaço, o que deve ser dos professores e não dos tios, uma extensão da família que diz respeito ao ofício dos responsáveis que se dedicam a educação infantil e ao primeiro ciclo do ensino fundamental.

Existe uma preocupação que algumas famílias temerosamente fazem da possibilidade daquele homem ali ser um possível abusador ou amolentador, de fato isso acontece, essa é uma visão preconcebida e preconceituosa que por sua vez vem de um modelo de família monocular completa do século passado no qual a mulher cuidava da parte interna das crianças e o homem cuidava da parte externa, então essa torção veio gerando diversos pânico na sociedade. À medida que essa presença é negada acaba se tornando um prejuízo gigantesco para as crianças, por não terem homens cuidando de sua educação de maneira formal e informal.

No ponto de vista de desenvolvimento e mudanças desse paradigma: A presença do homem mesmo na sala de aula é uma forma também de quebrarmos um pouco aquela noção de uma masculinidade tóxica. Quando uma criança passa a ser cuidada por homens e

mulheres estão ensinando a ela coisas muito potentes não apenas para a vida dela, mas para toda a sociedade.

Se desde o nosso nascimento somos cuidados por homens e mulheres, por coincidente vocês homens ou professores, devem cuidar de uma ou mais criança, pois isso não ira ferir sua masculinidade. Sendo assim, não haverá a necessidade de diminuir a mulher para se sentir um homem seguro, entretanto ambos são pares nesse funcionamento enquanto país e cuidadores. Então isso é extremamente importante para construção da vida dessas crianças, quanto para o desenvolvimento, mas fundamentalmente um laço social que de alguma maneira será construída, essa ideia de que homens e mulheres não concordam, de serem extremamente diferentes um do outro, funcionam de maneira diferente, mas essa diferença é boa, pois ela é benéfica, onde ela vai ressaltar o desenvolvimento tanto das crianças quanto das sociedades.

A partir dos autores citados, um questionamento foi aflorado, e com isso, concluímos esse capítulo: Esse trabalho apresenta reflexões e problematizações, sem conclusões fechadas, mas instigando novos estudos e aprofundamento, uma vez que apenas um TCC não daria conta de responder tais questões. Já partindo da premissa de que grande parte dos teóricos da educação infantil foram homens, e que todos eles, seja na função de médico, Psicólogo, filósofo, etc., trataram e acompanharam crianças, assim gerando grandes contribuições teóricas e mitológicas, relacionada ao publico infantil, por que os pedagogos homens não podem atuar enquanto professor/educador em sala de aula com o publico infantil? Ou melhor, qual seria a justificativa plausível para tal impedimento?

2.3 A formação da UFAL Campus do Sertão em Delmiro Gouveia e o curso de pedagogia

“A universidade como instituição diferenciada e autônoma só é possível em um estado republicano e democrático” (CHAUÍ, 2003, p. 3).

Historicamente, o ensino superior sempre foi privilégio de um pequeno grupo de pessoas. A classe popular nem sempre está em lugares sociais da universidade. Para modificar esta realidade exclusiva, o projeto A interiorização das universidades federais, que costuma ser uma política Visa criar Novas universidades e novos campi. A ideia é fazer Universidades acessíveis a comunidades estudantis que não podem ser visitadas a capital, a rota tradicional.

Nesta perspectiva veremos a seguir como se deu a implantação da UFAL campus do sertão em Delmiro Gouveia através do REUNI e os desafios do ensino superior em uma região carente de diversos serviços, principalmente a formação superior.

A primeira fase do projeto de internalização da UFAL foi implantada em 2005, com a fundação do Campus da Arapiraca, localizada na cidade de Arapiraca, situada no agreste alagoano, que conta com Unidades Educacionais nas cidades de Palmeira dos Índios, Penedo e Viçosa (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2005).

Já a segunda etapa, relacionada ao REUNI, que em 2010, implanta o Campus Delmiro Gouveia ou Campus do Sertão, como é popularmente denominado, na cidade sertaneja de Delmiro Gouveia. Esse campus conta com uma Unidade Educacional localizada na cidade de Santana do Ipanema, (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2009).

Muitos foram os debates entre variados membros da comunidade local e com a Gestão da Universidade Federal de Alagoas, embora contrário ao desejo de alguns para a não implantação de um campus da UFAL, no interior, mas o sonho tornou-se realidade. Foi inaugurado, no dia 15 de março de 2010, o Campus do Sertão, atualmente sua Sede, se encontra localizada em Delmiro Gouveia, Rodovia AL 145, Km 3, nº 3849 Cidade Universitária CEP:57480-000. Delmiro Gouveia – AL, e em sua Unidade, em Santana do Ipanema, foi fruto do REUNI (Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), que possibilitou uma nova expansão das universidades em todo o território brasileiro.

Com a implantação da universidade, o ensino superior trouxe uma bagagem de grande importância para a cidade de Delmiro Gouveia-AL, tendo um papel importante para a sociedade, contribuindo diretamente para o desenvolvimento social, econômico e regional, trazendo assim turismo para Delmiro Gouveia e para as cidades circunvizinhas. Além disso, a presença da UFAL no sertão alagoano causou melhores perspectivas para formação acadêmica da região, especialmente, para os/as jovens que concluem o ensino médio e que não têm condições de estudar em outros locais por diversos fatores.

Como fruto do processo de interiorização das universidades públicas, o Campus do Sertão (Delmiro Gouveia) e mais a Unidade Educacional de Ensino de Santana do Ipanema. Chegando a ofertarem 08 cursos distribuídos na Sede e na Unidade de Santana do Ipanema, entre cursos de bacharelado e licenciatura. São eles: Na Sede (Delmiro Gouveia): Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Geografia Licenciatura, História Licenciatura, Letras

Licenciatura, Pedagogia Licenciatura, já a Unidade de Ensino, localizada em Santana do Ipanema, oferece os outros dois cursos, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas.²¹

Atualmente o Campus do Sertão conta com 1.638 alunos, 40 servidores técnicos, 102 professores e aproximadamente 40 colaboradores terceirizados. Surgindo muitos desafios, no entanto, a Gestão local do Campus do Sertão, seja por meio de parcerias, emendas parlamentares ou por convênios com órgãos públicos da região, vem buscando trazer melhorias para a infraestrutura do Campus, mas como também a qualificação de recursos humanos para o desenvolvimento da região.²²

Nesses anos de existência do Campus do Sertão, houve a possibilidade de formar centenas de alunos/as, proporcionando-lhes a realização de sonhos, aspirações e desejos de conclusão de um curso superior, em uma universidade pública, o tão esperado sonho. Sonho desses que tive a honra de prestigiar com minha amiga que se despediu a pouco tempo do nosso campus.

O Campus do Sertão tem como perspectiva futura a inauguração da Sede da Unidade Educacional de Santana do Ipanema; criação de cursos de pós-graduação, causando mais impactos e desenvolvimento para a região; melhorias na assistência estudantil, com a abertura do Restaurante universitário, que já é uma realidade, e a construção de residência estudantil, assim como na viabilidade de melhores condições de trabalho para professores/as e servidores/as, no decorrer dessa trajetória, chegou a possibilitar o ingresso de cerca de 5.700 estudantes, oriundos do estado de Alagoas e cidades circo vizinhas, como também de outras cidades do país. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2009).

No decorrer desse percurso até os dias atuais, foram centenas as ações de ensino, onde surgiu o desenvolvimento e vem desenvolvendo importantes ações de extensão. Somando-se assim mais de 300 ações, dentre projetos, programas, cursos, eventos. Ações essas de suma importância para o desenvolvimento e o aprendizado dos universitários. Veem-se, também, ações no âmbito da pesquisa, ao desenvolver mais de 50 projetos de iniciação científica, além de dezenas de participações como colaboradores na produção de ciência. Conta, também, com grupos de pesquisa e estudos ativos e atuantes, além de mais de 1.000 pesquisas concluídas pelos discentes.²³

Entre as ações/projetos/atividades institucionais vigentes, dispomos do: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Programa de Monitoria, Programa

²¹ Disponível em: <http://www.ufal.edu.br/sertao/institucional/historico>. Acesso em: 22/10/2020.

²² Disponível em: <http://www.ufal.edu.br/sertao/institucional/historico>. Acesso em: 12/01/2021.

²³ Disponível em: <http://www.ufal.edu.br/sertao/institucional/historico>. Acesso em: 12/01/2021.

Residência Pedagógica. Cada um a sua maneira, com a oferta de bolsas ou não, incrementa a formação acadêmica e provê apoio pedagógico à atividade acadêmica extra sala em execução. O PIBID permite que graduandas/os sejam inseridas/os e permaneçam na rede pública de ensino inserindo-se na experiência docente. O apoio acadêmico é ofertado pela/o docente da UFAL que coordena o programa, dentro da metodologia adotada no momento, e também pela professora da própria escola ligada as/aos graduandas/os, que está formalmente vinculada ao programa. O Programa de Monitoria é ofertado pela UFAL não apenas para o curso de Pedagogia, e oferece a experiência de a/o licenciada/o ser monitor de uma das disciplinas do próprio curso, na UFAL Campus do Sertão.

O apoio acadêmico é ofertado pelas/os docentes da UFAL que ministram formalmente cada disciplina no semestre letivo em questão. Já o Programa Residência Pedagógica antecipa os estágios das/dos licenciadas/os em Pedagogia e permite uma circulação grande dos mesmos pelos vários ciclos/etapas de ensino na escola pública. O apoio acadêmico é ofertado pelo (docente da UFAL que coordena o programa, dentro da metodologia adotada no momento).²⁴

Recentemente tive a honra de participar do PIBID- PROGRAMA DE INICIAÇÃO A DOCÊNCIA onde atuei como bolsista, como também participei de alguns eventos relacionados ao programa, um deles foi II EPIBID e o ERELIC, um aqui no próprio campus e outro realizado na cidade de Maceió-AL.

Entretanto faz-se merecer destaque as dezenas de egressos que continuam trilhando seus sonhos, aqueles que dão início a mais uma etapa em busca da realização dos seus sonhos, aqueles que ingressaram em programas de pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado), em universidades brasileiras e fora do país, entre as mais renomadas. Parabéns a todos aqueles que não se limitaram, que acreditaram na sua capacidade e que deram mais um passo no seu futuro.

O que faz a UFAL ser uma história de luta e resistência é a força do Campus do Sertão, é o compromisso da universidade pública brasileira com a sociedade, é o resultado do trabalho coletivo de todas e todos que fazem o Campus do Sertão, forte, comprometido, plural e resistente, nos dias de hoje, aos ataques à educação superior neste país.

O RU do Campus do sertão iniciou suas atividades de atendimento a bolsistas, nesta sexta-feira, 25 de janeiro de 2019. Foram servidas, aproximadamente, 200 refeições, entre almoço e jantar. Fruto das lutas e ações do movimento estudantil e do empenho da Gestão

²⁴ Disponível em: <http://www.ufal.edu.br/sertão>. Acesso em: 22/10/2020.

Central da UFAL e da Gestão Local do Campus do Sertão, o RU, hoje, é uma realidade que garantirá a permanência dos alunos e das alunas, dando-lhes a devida assistência, proporcionando-lhes refeições diárias.²⁵

2.3.1 O curso de Pedagogia do Campus Sertão

O Curso de Pedagogia do Campus do Sertão da UFAL faz parte da realidade sertaneja desde 2010, com a própria fundação do Campus do Sertão. Ele tem constituído uma perspectiva de formação superadora da fragmentação dos processos educativos imposta pela própria dinâmica das relações sociais brasileiras cujos preconceitos em torno do semiárido escamoteiam a riqueza cultural e socioeconômica dessa região.

O curso se consolida como um locus de ressignificação e afirmação do semiárido nos vários contextos educativos, com mais força na formação voltada à educação formal escolar. Seu compromisso é possibilitar o fortalecimento da formação humana em todas as suas nuances, a saber, na cultura, na sociabilidade, na historicidade, etc., enfim, em todas as possibilidades alcançadas pela educação formal, buscando proporcionar uma integração de conhecimentos científico-acadêmicos a essas nuances de modos que as/os egressas/os extrapolem o senso comum em sua formação inicial e profissionalização e contribuam para modificações na realidade escolar e conseqüentemente nos rumos contextuais direta e indiretamente.

É importante ressaltar que o curso de pedagogia no Sertão de Alagoas é uma política da REUNI, instituído pelo MEC desde 2008. Embora haja problemas com este plano, principalmente em termos de expansão e na prática, não podemos evitar sua vinculação com regiões que requerem ações universitárias em múltiplas áreas. De fato, na realidade do semiárido alagoano, existem profissionais da educação que se preocupam em modificar o processo educacional, principalmente nas escolas públicas da região, e buscam interagir com isso no currículo pedagógico da UFAL²⁶. Há esse reconhecimento quando há formação relevante e adequada.

O curso é uma modalidade licenciatura plena, cujo tipo é presencial, contendo no total 08 Períodos e contabilizando uma carga horária de 3478 horas. Tendo entre seus objetivos a formação de um profissional que conceba o fenômeno educativo inserido no processo histórico; que responda criticamente aos desafios que a sociedade lhe coloca; que atue de

²⁵ Disponível em: <http://www.ufal.edu.br/sertao/institucional/historico>. Acesso em: 12/01/2021.

²⁶ Disponível em: <http://www.ufal.edu.br/sertao/graduacao/pedagogiam>. Acesso em: 22/10/2020.

forma reflexiva, crítica, cooperativa, com ética, conhecimento fundamentado, com habilidades para levantar problemas e, principalmente propor alternativas de intervenção para a educação básica²⁷. No mundo atual o Pedagogo precisa exercer capacidade de liderança, de busca e produção do conhecimento como docente/pesquisador/gestor de processos pedagógicos que envolvam crianças, jovens e/ou adultos, em instituições escolares, não escolares e em ambientes formais e não formais.

O campus apresentava um Projeto Curricular inovador centrado nas ideias de Troncos: Inicial (1º Período), Intermediário (2º Período) e Específico (a partir do 3º Período). 1) Ter bom senso dos seguintes conhecimentos Tronco Inicial- é uma disciplina comum a todos os cursos. Tem como objetivo inspirar e a capacidade de todos os alunos de graduação de criticar o conhecimento Construído pela sociedade. 2) Conhecimento compartilhado, também conhecido como Tronco Intermediário - refere-se às disciplinas compartilhadas por cursos no mesmo eixo disciplinar, ou seja, conhecimento comum em determinados campos profissionais; 3) Conhecimento específico, Também conhecido como Tronco Profissionalizante - refere-se a disciplinas profissionais Específico para cada graduação (TAVARES; ARAÚJO FILHO, 2008).

Após alguns anos de funcionamento do campus aqui no sertão alagoano, o projeto curricular do curso sofreu algumas modificações passando agora a não existir mais essa ideia de tronco inicial, no entanto sou muito grato em fazer parte da última turma que fez parte desse projeto curricular inovador.

O curso de Pedagogia é ofertado apenas no horário matutino e se consolida a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais específicas, bem como todas as outras legislações exigidas pelo Ministério da Educação (MEC) e Conselho Nacional de Educação (CNE). No entanto o curso de pedagogia contém o seu Projeto Pedagógico (PPC), um documento público, no qual tem como objetivo é apresentar a organização e estrutura deste curso.

A forma de ingresso da/o discente no curso se dá através do ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio), adotado pela Universidade desde 2009, com a normatização da Resolução nº 32/2009 CONSUNI/UFAL, de 21 de maio de 2009, que trata da adoção do ENEM como o Processo Seletivo da Universidade Federal de Alagoas. Disponibilizando o número de 50 vagas/ano.

Como infraestrutura, o curso conta com 08 salas de aula, um laboratório de informática, o LIAPI – Laboratório de Interativo de Aprendizagem Interdisciplinar que atende

²⁷ Disponível em: <http://www.ufal.edu.br/sertao/graduacao/pedagogia>. Acesso em: 22/10/2020.

ao PIBID-Pedagogia, aos projetos de extensão e pesquisas ligados ao curso, a Brinquedoteca situada no anexo Mandacaru, uma sala para a Coordenação do Curso, uma sala para docentes, a biblioteca central do campus, além das salas de atendimento administrativo: Secretaria de Cursos, CRCA, Direção Acadêmica e Direção Geral. Os Núcleos (acima citados) possuem salas específicas com equipamentos adequados ao desenvolvimento de atividades como estudos, orientações e reuniões.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nessa sessão aponto, sobretudo, a metodologia de pesquisa adotada para análise desse estudo, bem como a apresentação dos sujeitos envolvidos na pesquisa por meio das entrevistas realizadas, dos procedimentos metodológicos admitidos e das categorias de análise para interpretar e refletir sobre as narrativas que surgiram ao longo desta produção científica.

3.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa é de cunho qualitativa, pois buscou compreender e destacar as razões históricas e sociais que tem contribuído para desenvolver preconceitos acerca do gênero masculino na Educação Infantil; Entender o percurso histórico do homem na pedagogia, desmistificando e esclarecendo padrões de gênero relativo à profissão docente; descrever o acesso, permanência, evasão e formação de discentes da pedagogia do sexo masculino da UFAL, e investigar se pedagogos formados na UFAL atuam na Educação Infantil, destacando seus desafios e possibilidades enquanto docente.

Para um melhor embasamento teórico foram apresentados os diversos autores elencados nas referências que versam sobre a presença ou não de homens na Educação Infantil, por se tratar do estudo de caso. Para análise de dados utilizaremos a técnica de análise de conteúdo embasada por Bardin 2006.

Segundo Günther (2006, p. 202, grifo do autor), “[...] a pesquisa qualitativa é uma ciência baseada em textos, ou seja, a coleta de dados produz textos que, nas diferentes técnicas analíticas, são interpretados hermeneuticamente”. Quando usamos relações interpessoais complexas como pesquisa, o autor também afirma que a pesquisa qualitativa é necessária, o que não pode ser explicado simplesmente isolando variável, como visto na pesquisa quantitativa. É essencial que o pesquisador compreenda as relações presentes nas pesquisas qualitativas, interprete e explique-as de forma coerente e ética, tornando-as “como um ato social de construção de conhecimento” (GÜNTHER, 2006, p. 202)

Do ponto de vista de Duarte (2002, p. 141), na seleção dos sujeitos, “[...] pesquisas de cunho qualitativo exigem a realização de entrevistas, quase sempre longas e semiestruturadas”, devido à importância da definição de critérios para a seleção dos sujeitos que irão compor o “universo de investigação”, pois estes vão interferir diretamente na qualidade dos dados relacionados à possível construção e compreensão das questões de pesquisa.

A atual pesquisa será do tipo Estudo de Caso, porque é indispensável compreender os fenômenos individuais e sociais referentes ao processo de formação acadêmica dos discentes da UFAL desde o seu ingresso a atuação em um determinado ambiente de trabalho. De acordo com Yin (2010), o Estudo de Caso é uma investigação empírica que busca analisar um fenômeno contemporâneo em profundidade, encontrando muitas variáveis de interesse a partir dos dados, sendo importante realizar um processo de triangulação.

3.2 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram os 12 discentes matriculados no curso de pedagogia da UFAL-Sertão nos respectivos períodos 2º, 4º, 6º, 8º, coordenação do curso de pedagogia e 03 professores homens que atuam na Educação Infantil.

Todos os sujeitos aceitaram participar da pesquisa de forma voluntaria e mantiveram-se cientes do sigilo sobre as suas identidades (para isso usarei os sobrenomes durante a análise dos dados). Além disso, todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Escolha (TCLE) (Apêndice 4), pois este garante a proteção do pesquisador e do pesquisado de forma legal, em colaboração ao estudo e trabalho monográfico. Na tabela 01, serão apresentados os perfis dos entrevistados com as suas descrições e seus respectivos períodos em que se foi realizado as entrevistas.

Tabela 1-Perfil dos entrevistados

| Nomes (Sobrenome) | Sexo | Ocupação | Períodos |
|-------------------|-----------|-----------|-----------------|
| Cardoso | Masculino | Discente | Curso concluído |
| Dias | Masculino | Discente | 2º Período |
| Fausto | Masculino | Discente | 4º Período |
| Silva | Masculino | Discente | 6º Período |
| Santos | Masculino | Discente | 6º Período |
| Souza | Masculino | Discente | 6º Período |
| Santos | Masculino | Evadido | Evadido |
| Kokimoto | Masculino | Evadido | Evadido |
| Alfa | Masculino | Discente | 4º período |
| Nascimento | Masculino | Discente | 8º Período |
| Correia | Masculino | Professor | - |

| | | | |
|-----------|-----------|------------------------------------|--|
| Alcântara | Masculino | Professor | - |
| Araújo | Masculino | Professor | - |
| Voss | Feminino | Coordenadora do curso de Pedagogia | Atualmente faz parte do colegiado do curso de Pedagogia. |

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

3.3 Instrumento de coleta de dados

Os métodos eleitos para a realização desta investigação privilegia a abordagem qualitativa, bem como a seleção e organização de perguntas de modo que seja possível efetivarem as entrevistas semiestruturadas com alunos do curso de pedagogia, coordenadora do curso e os professores egressos da UFAL-Sertão atuantes na educação infantil.

Visto que os critérios de pesquisa acabam por influenciar a investigação e análise das informações e, consoante à reflexão de Duarte (2002):

A definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado. A descrição e delimitação da população base, ou seja, dos sujeitos a serem entrevistados, assim como o seu grau de representatividade no grupo social em estudo, constituem um problema a ser imediatamente enfrentado, já que se trata do solo sobre o qual grande parte do trabalho de campo será assentado. (p, 03).

Os critérios selecionados para organização das perguntas que compõem o roteiro de entrevista estão relacionados à: ao ingresso a universidade, permanência dos discentes, a formação, o campo de atuação, a atuação dos professores, e a faixa etária das crianças. Portanto, com ênfase na educação infantil, primeira etapa da educação básica, seleção dos entrevistados considerou a atuação de professores homens, regentes em turmas de crianças de zero a seis anos completos.

3.4 O contexto da pesquisa

A pesquisa foi dividida em duas partes: a primeira teórica, onde buscamos estudar alguns teóricos e pesquisadores, com o intuito de entendermos as causas e os motivos da ausência da

figura masculina na educação infantil, e como eles encaram e lidam com os preconceitos relacionados ao sexo masculino na educação infantil, refletindo acerca da presença (ou não) da figura masculina na Educação Infantil e como esse público se constituem professores de Educação Infantil em uma profissão que é caracterizada como tipicamente feminina, atravessando por concepções de gênero e de representações construídas sobre o masculino e feminino.

A segunda parte de forma empírica, baseada nas informações obtida com o público alvo (discentes do curso de pedagogia/coordenação do curso/professores da Educação Infantil). Na tentativa de trazer pistas que nos levem a maiores reflexões sobre os desafios que esses discentes enfrentam no decorrer da sua graduação, e sobre a atuação desses docentes do gênero masculino sobre sua posição em relação à Educação Infantil.

3.5 Método de análise de dados

A presente pesquisa adotou como método a Análise de conteúdo. A mesma possibilitou a compreensão e o aprofundamento dos fenômenos investigados, por meio de análises minuciosas e criteriosas, partindo das informações encontradas na realização de entrevistas semiestruturadas com os discentes matriculados no curso de pedagogia, os professores atuantes na Educação Infantil e com a coordenadora do curso.

Desta forma a fim de alcançar os objetivos propostos, foi elaborado 03 modelos de entrevistas semiestruturadas distintos (Apêndices 1, 2 e 3), o primeiro sendo aplicado aos 10 estudantes matriculados no curso de pedagogia do 2º, 4º, 6º e 8º período (Apêndice 1), o segundo a coordenação do curso de pedagogia (Apêndice 2) e o terceiro aos 03 professores atuantes na Educação Infantil (Apêndice 3).

Todos os dados coletados, partir das entrevistas semiestruturadas, foram analisados por meio do método Análise de Conteúdo, e as categorias que emergiram foram apresentadas na análise e discussão dos resultados.

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. Bardin (2006, p.38) refere que a análise de conteúdo consiste em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. (...) A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).

Segundo a autora, conclui-se que a análise de conteúdo é uma leitura “profunda”, determinada pelas condições oferecidas pelo sistema linguístico, objetivando a descoberta das relações existentes entre o conteúdo do discurso e os aspectos exteriores. Ademais, a técnica permite a compreensão, a utilização e a aplicação de um determinado conteúdo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Estudo de caso: percurso formativo e de atuação de pedagogos formados na UFAL sertão

Nesse capítulo, em suma, a ênfase da discussão está centralizada no percurso histórico de como se dá o acesso, permanência, formação e atuação (ou não), de discentes do sexo masculino do curso de Pedagogia da UFAL- Sertão. O objetivo é abordar o percurso histórico da educação desses sujeitos, destacando todo o seu percurso formativo durante seus quatro anos da graduação. E para aprofundar mais nesse objeto de estudo, foram relatadas experiências adquiridas pelo sujeito pesquisador²⁸ no PIBID²⁹ enquanto participante do programa. Uma experiência que inspirou a motivação para expandir a pesquisa, de certo buscar caminhos e aberturas para fazer uma investigação mais aprofundada sobre a temática do professor que trabalha com crianças.

4.2 Acessos, permanência, formação de discentes do sexo masculino do curso de Pedagogia da UFAL, Sertão.

Hoje vivemos em meio a um cenário bastante conturbado no que diz respeito à educação básica, no ensino superior não é diferente. Já se tornou senso comum a afirmação de que as políticas públicas voltadas para a educação básica não têm contribuído para garantir uma educação de qualidade.

Historicamente, o acesso ao ensino superior tem sido uma pequena parte do privilégio da sociedade brasileira. A classe popular nem sempre pertence ao lugar social da universidade, privilégio de poucos. Os moradores da cidade de Delmiro Gouveia e regiões circunvizinhas foram contemplados com a instalação de uma Universidade Federal no sertão alagoano, que veio ofertar o ensino superior gratuito para aqueles cidadãos que não possuíam uma estabilidade financeira para cursarem o ensino superior em outra cidade ou capital. A forma de acesso Universidade Federal de Alagoas-Campus do Sertão, e Igual a outras

²⁸ O termo utilizado refere-se ao sujeito que está realizando a pesquisa.

²⁹ O PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) é uma ação criada em 2007 pelo Ministério da Educação e gerida e executada pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - agência brasileira de fomento à formação de recursos humanos em nível superior).

universidades públicas no país, a competição para o vestibular é acirrada e a taxa de candidatura/vaga vem se ampliando ao longo dos anos.

Portanto, parece que não é fácil para os concluintes do ensino médio a escolha do curso superior, no entanto a mesma se trata de uma tarefa árdua. Tozzi (2004) resume bem essa questão ao afirmar que,

(...) em tempos de inscrições para o vestibular, é fácil constatar uma dúvida que persegue boa parte dos candidatos: que profissão escolher? Em geral, trata-se de uma escolha quando ainda o estudante não tem domínio das questões básicas em relação à futura profissão. Com 17 ou 18 anos de idade, em média, esta é certamente a decisão mais difícil que irá tomar na vida. Recém-saída da adolescência, a maioria carece de segurança emocional e vivência profissional. (p.64)

As escolhas das respectivas carreiras a serem percorridas por esses sujeitos, sem dúvida, irá determinar o tipo de vida pessoal e familiar que cada um sempre sonhou uma estabilidade financeira, mesmo sabendo que tal decisão pode mudar no curso da vida, que ela deve ser bem analisada.

Em relação ao acesso a UFAL, foi questionado aos entrevistados como eles veem a forma de acesso à Universidade pesquisada:

Muito concorrida, apesar de que nem todos nos tivemos o privilegio de ter uma preparação para o Enem, foi de boa na época para concorrermos o processo seletivo do "Sisu", foram-se anos de espera para esse dia tão gratificante para minha pessoa na época, visto que era a universidade em que eu almejava, por ser uma Universidade Federal o peso seria maior. (Alfa, 23 anos, 4º período).

Mediante o entrevistado, podemos perceber que de fato eles são postos a encarar algumas dificuldades, no percorrer do trajeto educacional; partindo desde o ensino médio ao cursinho preparatório para vestibulares ao o tão esperado ingresso a universidade, visto que para muitos o peso maior não se encontra no processo seletivo, mas sim na escolha do curso. O último ano do ensino médio é uma das etapas mais importantes da vida de um estudante. Pois é nesse período que recai sobre ele o peso da escolha da profissão que ele deseja atuar.

Em certa frequência, se a previsão de reprovação não for confirmada e o aluno passar no primeiro vestibular, mesmo depois de outras tentativas sem sucesso, o mesmo sempre chega a duvidar da sua habilidade, atribuindo o resultado obtido pela ocorrência, a uma oportunidade ou apenas sorte. O sucesso dos vestibulares é sempre surpreendente e foi assim que reagiram alguns alunos ao identificar o seu nome na lista de aprovados no vestibular na época do seu ingresso:

Eu até nem acreditei, no momento em que eu vi meu nome na lista dos selecionados, eu disse: não pode ser, não pode ser. (Alfa, 23 anos, 4º período).

Rapaz a UFAL e hoje como minha segunda casa, parece um sonho ter conseguido entrar aqui... Eu pensava que pra mim era uma coisa impossível. (Dias, 2º período, 22 anos).

Eu me julgava incapaz de passar. É muito difícil um estudante de colégio público entrar na universidade. [...] Eu não me achava com capacidade de entrar numa federal. (Ramos, 8º período, 27 anos).

Através das respostas dos entrevistados, percebemos a gratidão de alguém merecedor, de pessoas que duvidavam do seu potencial, no entanto os espaços em branco deixados pela etapa anterior na educação marcam infinitamente a vida acadêmica, e as afirmações nessa área são de grande importância.

Assim como o acesso ao ES³⁰ para muitos e algo visto como uma barreira, a permanência se tornou algo ainda mais difícil. Provocando um grande número de evasão. Apesar dos avanços da pesquisa sobre o ensino superior, a evasão ainda é um aspecto inexplorado tanto na educação pública quanto na e privada. Pode-se dizer que o problema da evasão educacional está relacionado a diversos fatores, como características pessoais, situação econômica e dúvidas sobre a escolha. Como afirmam Baggi e Lopes (2011), a evasão escolar é um fenômeno complexo, que pode ser definido como a interrupção no ciclo de estudos e que pode ser provocada por inúmeros fatores: pessoais, familiares, sociais, econômicos ou institucionais.

Na época não estava dando para conciliar o curso de pedagogia com o trabalho, no período trabalhava em uma fazenda e teria que ficar mais de 8 horas por dias cuidando de uns animais, daí alguns meses depois saiu o resultado do vestibular de um instituto federal, o qual eu teria sido aprovado para Zootecnia, o curso que sempre quis cursar, hoje estou cursando 4º período, porém o que mais me doeu na época foi ter que abandonar uma turma super maravilhosa, um povo risonho e felizes, para começar todo processo de conhecimento em outra instituição, no entanto nem despedir da turma fui. (SANTOS, 24 anos, evadido).

Ainda tentei conciliar os dois cursos em instituições diferentes, porém o negócio começou a complicar, estudava na UFAL pela manhã cursando pedagogia e a noite cursava enfermagem na atual Unirios, e isso estava me consumindo, não sobrava tempo para fazer mais nada. (KOQUIMOTO, 21 anos, evadido).

Compreendemos que os alunos evadidos na época no 2º período, relatam que o fato da evasão do curso se deu através que não estava conciliar na época duas graduações e o trabalho.

³⁰ Abreviatura utilizada pelo pesquisador para se referir ao Ensino Superior.

Muitos estudantes e profissionais ficam assustados quando reconciliam suas vidas duplas. Devido às rotinas organizadas, ao desafio de manter a mente produtiva e atender todas as necessidades, algumas pessoas desistem antes mesmo de tentar. No entanto, estudar e trabalhar ao mesmo tempo traz muitos benefícios para o currículo e para a vida pessoal.

Há uma luta constante entre o que gostariam de fazer e o possível de conseguir em várias situações: carga horária de trabalho, tempo insuficiente, solicitações de novos cursos e outras solicitações de natureza social e cultural, mas com recursos financeiros limitados. Como alunos revelaram, abrigar-se em isolamento é a saída.

Para Moheleck (2007), a maioria dos estudos sobre evasão tem como foco a educação básica, sendo que no ES há muito pouca exploração desse tema, sendo necessário desenvolver modelos teóricos que ajudem a explicar os motivos da evasão. Segundo a autora, os fatores da evasão podem ser elencados em individuais e institucionais:

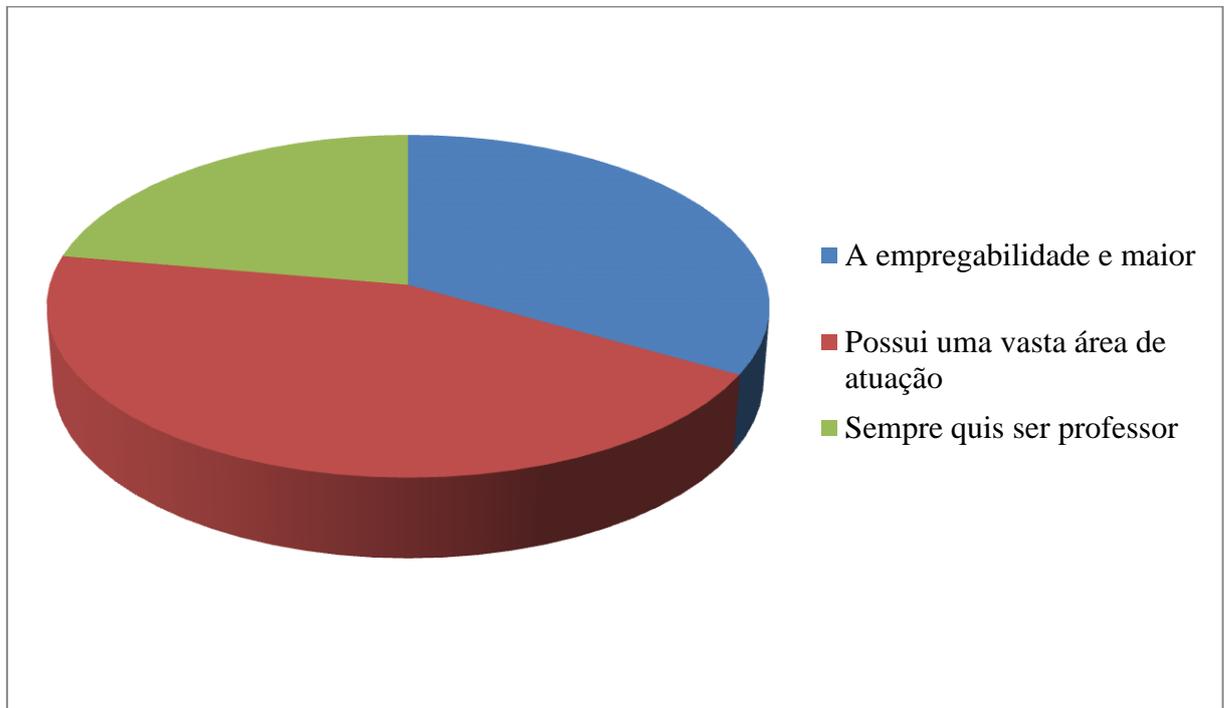
Entre os fatores individuais da evasão constam: a incerteza quanto ao curso, própria de um processo de busca do indivíduo que em geral tem de escolher sua área de formação ainda muito jovem; motivos familiares como doença, necessidade de ajuda financeira, nascimento de criança, compromissos maritais; a necessidade de trabalhar. Os fatores institucionais mais frequentes são: desilusão com o curso; problemas relacionados ao curso como currículo (muito rígido, inadequado para o aluno trabalhador), ao relacionamento com professores, com colegas, funcionários; dificuldade de acesso à instituição (MOEHLECKE, 2007, p. 13).

O fenômeno de evasão envolve uma conexão clara entre vários fatores, nomeadamente dificuldades pessoais, com o apoio de um bom sistema, são melhor superar as limitações os problemas institucionais prejudicaram muito aqueles que enfrentam as maiores dificuldades.

Entre linhas ao analisar as razões e condições do processo de tomada de decisão em relação ao curso superior, inclui a consideração de que o processo não será neutro, mas que a compreensão dessa opção pode ser determinada por fatores socioeconômicos anteriores, nível e tipo de educação, Costumes sociais e culturais compartilhados, experiência profissional anterior, fonte e tipo de escolarização precedente, sobre os cursos e suas áreas profissionais divulgadas e influenciadas na sociedade por amigos e família, etc.

Nessa perspectiva, pode-se entender que a escolha dos cursos é muito importante, seja em aspectos pessoais, sociais, econômicos e políticos, apesar desses resultados, o processo é muito lento e comutação coletiva. Em busca de compreendermos os motivos por traz da escolha, foi-se questionado sobre a referente escolha pelo curso de pedagogia e foram-se obtidos alguns dados como veremos no gráfico a seguir:

Gráfico 1 - Motivos que levaram a escolha do curso de pedagogia -



Fonte: Arquivo pessoal do Pesquisador.

Nessa perspectiva, com os dados obtidos através dos alunos podemos perceber que os respectivos motivos são: a empregabilidade e maior, por possuir uma vasta área de atuação no mercado de trabalho, e por querer ser professor, um dos motivos mais comentados, foram pela respectiva escolha, se dava pela simples razão do curso ofertar uma demanda muito grande na área de atuação no mercado de trabalho.

Os pedagogos podem atuar como professores em creches e escolas. Mas o mercado de trabalho para quem decide fazer um curso de pedagogia ultrapassa em muito às noções românticas dos professores do século XIX. O curso de pedagogia é um profissional multidisciplinar que pode desempenhar um papel no processo de ensino, podendo ser ministrado para crianças, jovens e adultos, e também pode desempenhar um papel na administração de instituições de ensino.

Como veremos a seguir na tabela, algumas áreas em que o pedagogo pode atuar e sua respectiva função:

Tabela 2-O mercado de trabalho do pedagogo e sua respectiva função

| MERCADO DE TRABALHO DO PEDAGOGO | |
|---------------------------------|---|
| ÁREAS DE ATUAÇÃO | FUNÇÃO |
| Área Hospitalar | <p>Acompanhar a criança ou adolescente no período de ausência escolar, internados em instituições hospitalares.</p> <p>Disponível em: https://proceedings.science/afnaeh/afnaeh-2010/papers/a-funcao-do-pedagogo-hospitalar-na-equipe-multiprofissional-de-saude</p> |
| Área Militar | <p>Promover a capacitação e treinamento da equipe. Nesse tipo de setor o profissional é visto como um elemento importante para o procedimento de formação de um novo corpo militar.</p> <p>Disponível em: https://doi.org/10.28998/21756600.2019v11n23p299-310</p> |
| Docência | <p>O desenvolvimento do conhecimento cultural e científico da população em geral.</p> <p>Disponível em: https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-figura-pesquisadorpedagogo-no-ensino-superior.htm</p> |
| Área empresarial | <p>Promover a reconstrução de conceitos básicos, como criatividade, espírito de equipe etc.</p> <p>Disponível em: https://www.infoescola.com/profissoes/pedagogia-empresarial/</p> |
| Administração | <p>Capacitação e instrução de equipes, promovendo palestras, estímulos, entre outras funções.</p> <p>Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/641-4.pdf</p> |
| Supervisão | <p>Responsável por políticas externas e internas das escolas, auxiliando a atuação do professor, organizado e orientando as ações pedagógicas.</p> <p>Disponível em: https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/06/o-papel-do-pedagogo-na-supervisao-escolar.pdf</p> |
| Direção | <p>Garantir o bom funcionamento da escola administrando suas finanças, dirigindo a elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP), acompanhando a evolução dos alunos e garantindo o bom relacionamento entre os membros da equipe escolar.</p> <p>Disponível em: https://horario.com.br/blog/funcoes-pedagogo/</p> |
| Ongs | <p>Desenvolve e elabora projetos educativos, planeja ações da instituição, presta suporte pedagógico, busca parcerias, entre outras ações.</p> <p>Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4488_3754.pdf</p> |
| Museus | <p>Desenvolver os fundamentos da missão, políticas e programa do</p> |

| | |
|--------------------------|--|
| | <p>museu. Que devido ao seu contato íntimo com o público e um excelente conhecimento das expectativas e possíveis reações dos vários grupos da sociedade.</p> <p>Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/4294-Texto%20do%20Artigo-13600-1-10-20170114.pdf</p> |
| Clínicas (Psicopedagogo) | <p>Atua como um facilitador da aprendizagem prazerosa, orientando e ensinando a estudar. Ele trabalha em consultório, no diagnóstico, no tratamento do problema já instalado e na prevenção de problemas de aprendizagem.</p> <p>Disponível: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572014000200219&script=sci_arttext_plus&tlng=pt</p> |
| Elaborações de projetos | <p>Cria situações de aprendizagem, com um foco muito direcionado para as relações que se estabelecem nessas situações. Favorecendo o ensino com base em descobertas surgidas das pesquisas realizadas sob sua orientação.</p> <p>Disponível em: https://pedagogiaaopedaleta.com/pedagogo-projetos-trabalho/</p> |
| Editoras | <p>Exercem funções na elaboração de materiais didáticos utilizados no processo de ensino e aprendizagem de escolas e de outras instituições. Eles também podem produzir conteúdos disponibilizados em outros canais - como rádio, TV, sites, revistas e até mesmo em aplicativos e em softwares.</p> <p>Disponível em: https://www.editora2b.com.br/blog/o-que-faz-um-pedagogo</p> |

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Ao observarmos os dados representados na tabela acima, chegamos à conclusão que o educador é o profissional que vai atuar em uma área muito abrangente, dando-lhe diversas opções, que irão exigir saberes docentes (seja em ambiente escolar ou não), e visa apoiar e implementar esses saberes em diferentes atividades.

O currículo pedagógico do curso de pedagogia da UFAL campus do Sertão, não se limita à formação do profissional apenas na docência ou em ambiente escolar, mas inclui também o profissional que deve exercer a função docente em ambiente não escolar. Esses foram alguns dos depoimentos:

Por ser um curso amplo na atuação do graduado, a o escolhi por que tenho a opção de escolher onde eu possa vim atuar, seja desde uma sala de aula da educação infantil, ensino superior ou em uma ong. (Dias, 2º período, 22 anos).

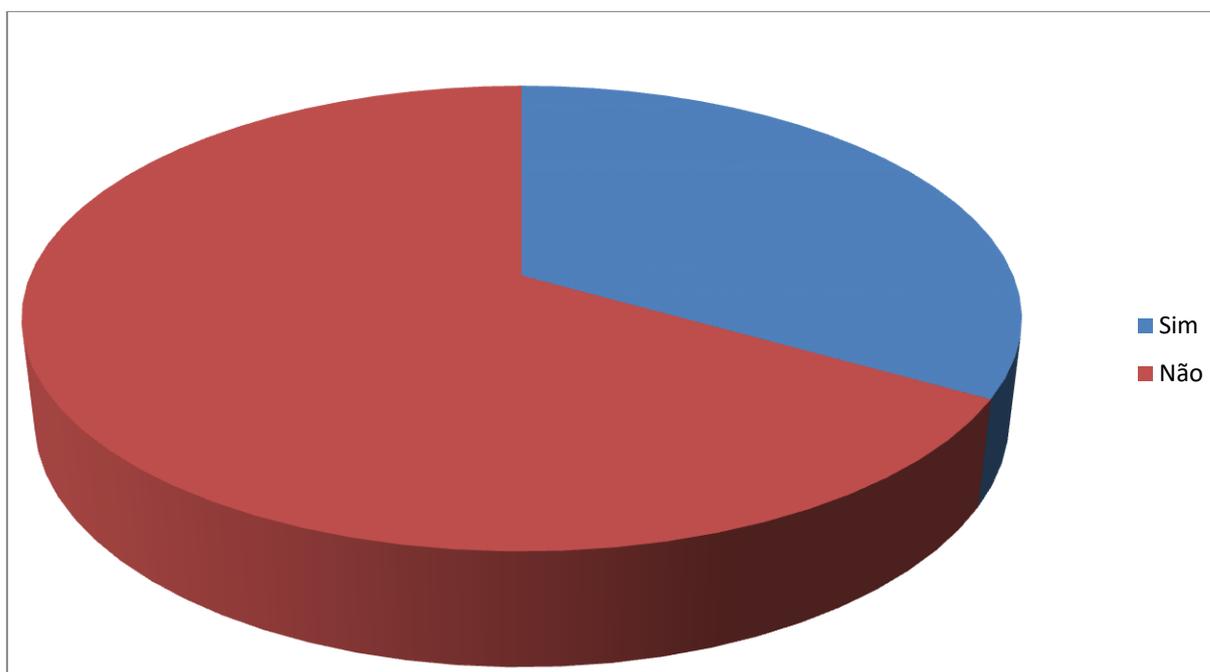
A grade curricular do nosso curso é ampla, assim proporcionando ao profissional, seguir inúmeros seguimentos. (Alfa, 23 anos, 4º período).

Felizmente, o campo de atuação dos pedagogos ultrapassou os muros das escolas. Onde o pedagogo tem vários segmentos para fazer a escolha de onde trabalhar não ficando

apenas preso ao piso de uma sala de aula. Fora da sala de aula, os educadores podem desempenhar papéis diferentes em ambientes escolares e não escolares.

Partindo dessa premissa, no decorrer do processo de coletas de dados surgiram então outros questionários norteadores designados à questão da escolha acirrada pelo curso, muito pertinentes foram às respostas dos estudantes ao questionarmos se o curso escolhido teria sido à primeira opção, o que realmente eles desejavam almejar.

Gráfico 2-O curso de pedagogia foi a primeira escolha



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Diante dos dados obtidos, podemos perceber que a maioria dos entrevistados afirmou que o curso escolhido não foi à primeira opção, entretanto isso está entrelaçada no que diz respeito à questão dos discentes terem em mente outros cursos.

Como ressalva Cardoso ex-aluno com o curso recém-concluído: *“Minha primeira opção era engenharia de petróleo, mas, na época era inviável para mim”*.

Como também contempla (Souza, 6º período):

Eu sempre tive uma inclinação maior para a área de línguas, desta forma eu tinha intenção de ser professor de português. Ironicamente eu não me sentia confortável com a ideia de cursar Letras. Acho que pelo fato de muitas pessoas afirmarem que era a minha área, assim me vi cumprindo uma obrigação para agradar os outros. De última hora decidi iniciar estudando as bases da educação, e escolhi cursar Pedagogia, que foi uma ótima escolha, por sinal.

O que nos fez acreditar que as maiorias dos alunos caíram de paraquedas no curso, por optarem por cursar, apenas para agradar um parente, que em algum momento falou que ele teria que cursar esse ou aquele, sem pensar que na maioria das vezes aquele sujeito possui admiração por outro ou uma área distinta.

Tendo em vista aqueles que optam pelo curso, mas não tem interesse em lecionar na educação infantil, pois possuem outros objetivos referentes à graduação: como relata Fausto 4º Período “*A meta que mais anseio é lecionar no nível superior*”.

Assim como tem aqueles que pretendem de fato atuar na área, como relata o discente (Silva, 6º período):

Afinal o curso o qual escolhi possibilita a lecionar nessa área da educação. Somos preparados para atuar na área, qual seria a impossibilidade do estudante do curso de pedagogia não lecionar? Já que a grade curricular do curso tem disciplinas que preparam o pedagogo para tal, enquanto professor de pedagogia seria um orgulho para me trabalhar nessa área.

Também contempla (Pereira, aluno do 6º período), a respeito desse desejo em lecionar na educação infantil:

Apesar da pedagogia, ter bastante áreas de atuação em diversos seguimentos e modalidade diferentes, mas a educação infantil é um dos desafios que desejo enfrentar ao lecionar, por se tratar de uma etapa desafiadora, principalmente a nos pedagogos do sexo masculino, quebrando esse tabu de que a educação é apenas lugar para mulheres e que nós não somos capazes de atuar.

Diante das informações exposta a acima, percebemos que os alunos do curso de Pedagogia da UFAL-SERTÃO, em sua minoria tem interesse em lecionar na Educação Infantil. Aqueles que cujos cidadãos não ligam e muito pouco se importam para o que a sociedade acha ou pensa a respeito da sua escolha.

No entanto Ehrenberg (2004, p. 24.) afirma:

Os alunos não precisam apenas decidir para qual universidade ir, eles também precisam decidir qual campo específico desejam estudar e qual carreira desejam ingressar. Não é de surpreender que as escolhas dos cursos dos alunos sejam fortemente influenciadas pelas oportunidades econômicas da carreira para a qual estão se preparando e também estão sujeitas a condições não monetárias no emprego dessas ocupações, seu conhecimento e a composição por gênero das pessoas que exerceram essa ocupação.

No decorrer dos relatos dos entrevistados, surge então uma questão voltada ao curso, onde se foi questionado; se em algum momento de suas trajetórias já sofreram algum tipo de preconceito no curso de pedagogia, por esta inserida em um curso/ambiente composto majoritariamente pela figura feminina. E a resposta foi bem clara, onde eles afirmam que nunca passaram por nenhuma situação preconceituosa, no entanto, já ouviram críticas.

Segundo (Souza, 6º período) relatou o seguinte:

Preconceito? "sofrer?" Não! Críticas sim, Questionam porque a área para atuar se e uma profissão menos desvalorizada e o salario e bem baixo em comparação a outras profissão. Pois nunca permiti que ninguém me destratasse ou humilhasse.

A maioria dessas críticas está ligada ao ganho salarial do professor principalmente na rede de ensino pública, ou seja, pela desvalorização da categoria do professor. Podemos dizer que os professores brasileiros nunca receberam bem, conforme veremos: Campos (2002, p. 2-5) explica que nossos primeiros professores das primeiras letras, após a expulsão dos jesuítas, em 1759, pelo Marquês de Pombal, foram os membros das outras ordens religiosas instaladas no país que atuavam em escolas monásticas, os capelães de engenho e alguns poucos "mestres-escolas" (leigos nomeados para cobrir os lugares vagos). Assim, a autora diz que "esses mestres legaram aos professores atuais o desprestígio da profissão, assim como uma tradição de má remuneração conjugada com a não preparação e inclinação para improvisação".

À medida que se foi relatado sobre a presença da figura masculina em um lugar predominante feminino, foi questionado aos entrevistados o seguinte: Concorda que o curso de pedagogia e a área da educação infantil é apenas lugar das mulheres?

E obtemos os seguintes resultados:

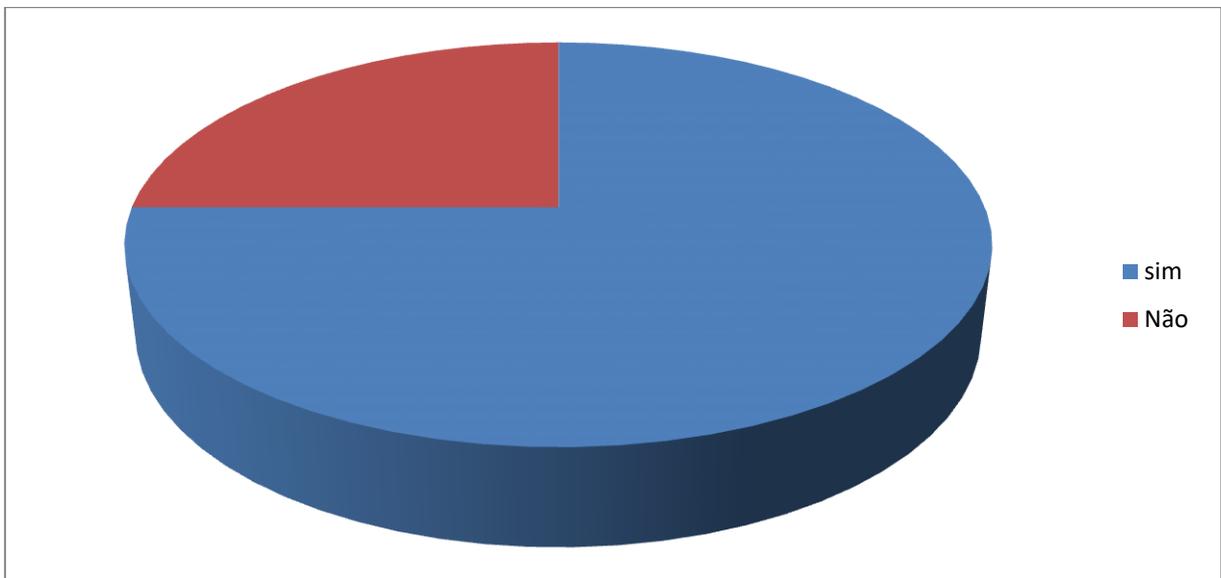
Não concordo, essa é uma imposição machista histórica, marcada pelo preconceito e é esse um preconceito que precisa ser desconstruído. Estando eu um cidadão crítico formado para atuar na área estarei apto pelo título de pedagogo qual mim foi concedido para tal. O que existe é uma ideia social, na qual as pessoas acreditam que a área da educação seja mais direcionada para as mulheres, consequência do machismo ao longo da história. (Silva e Souza, alunos do 6º período).

Compreendermos que de fato essa problemática está relacionada a uma questão cultural e social construída historicamente por uma sociedade machista, e afeta diretamente a estrutura de certas áreas de atividade, por se originar o ato do cuidar e educar a figura feminina, por remeter ao principio da maternagem, pois seria só elas possuem o dom e a

delicadeza de lidar com crianças pequenas. Mas independentemente em ser homem ou mulher, os dois estão hábitos a profissão, no entanto os mesmos possuem a preparação adequada para exercer a função.

Ao falarmos dessa preparação, que os discentes possuem independentemente do seu sexo, no decorrer da graduação para possível atuação, foi questionado, se de acordo com a relação e as experiências vividas na UFAL – SERTÃO, se de fato durante a graduação haveria uma preparação adequada para alunos do sexo masculino para atuar na educação infantil, e os resultados serão apresentados no gráfico a seguir:

Gráfico 3-A UFAL-Sertão prepara os discentes para atuarem na educação infantil



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

De acordo com os dados obtidos no gráfico, observamos que a UFAL prepara sim, seus alunos para atuar nesta área independentemente de ser homem ou mulher, os preparando durante os quatro anos da graduação, independentemente de ser homem ou mulher, mas de forma homogênea. Sendo ela responsável pela formação de profissionais de nível superior, sua principal função é promover ensino de qualidade afinado com os desafios da sociedade contemporânea.

Alguns depoimentos relacionados:

“Sim, profissionalmente me senti capacitado para atuar na minha época de estagiário, mesmo com a insegurança da falta de experiência. Como figura masculina, fui instruído sobre possíveis acontecimentos que poderia ocorrer, o que me possibilitou preparar-me ainda melhor” (Cardoso, curso concluído)

Desse modo a universidade tanto prepara seus discentes para atuar na área, quanto também os fazem perceber as dificuldades que eles posam vir enfrentar no decorrer da sua atuação no mercado de trabalho, como a questão do preconceito, o olhar de negatividade voltado a ele, uma vez que o mesmo é visto como “lobo mal”, por aqueles que estão ao seu redor, a priori uma questão tratada é vinda de um processo histórico ainda em desconstrução.

No entanto, o curso apresenta disciplinas que com frequência trazem autores (as) e pesquisadores (as) que abordam este tema e as questões relacionadas a gênero. E ao serem discutidas em sala de aula, traz a bordo a diferenciação entre os gêneros masculino e feminino, nos dando à preparação sobre como lidar com os preconceitos por parte da sociedade, no entanto hoje é algo que apenas a experiência pode ensinar o que já é um preparo para a realidade ao ser enfrentada ao lecionar na educação infantil.

O Curso de Pedagogia do Campus Sertão tem entre seus objetivos a formação de um profissional que conceba o fenômeno educativo inserido no processo histórico; que responda criticamente aos desafios que a sociedade lhe coloca; que atue de forma reflexiva, crítica, cooperativa, com ética e conhecimento fundamentado, com habilidades para levantar problemas e, principalmente propor alternativas de intervenção para a educação básica.

No entanto, ao contrário da imaginação de muitas pessoas, uma licenciatura em pedagogia é mais do que apenas "ensinar para se tornar um talento." Um educador é um profissional completo e qualificado que pode atuar em diversos campos que requerem conhecimentos de sociologia, psicologia, filosofia e educação.

Historicamente, as características de gênero dos educadores se inverteram porque a princípio era uma maioria masculina e posição altamente reconhecida. No século XX, era feminilizada e infelizmente foi ignorada, mas ainda está sujeita a isso, o problema precário da profissão. Nesta perspectiva, o número de discentes masculinos formados no curso de pedagogia da UFAL vem sendo insignificante, deixando muito a desejar.

A Universidade não formou muitos homens (...). Diante da experiência com o público masculino na área de Pedagogia, percebe-se que há baixa procura, além dos mesmos discutirem em reunião a questão de preconceito quando a questão é trabalhar na área da Educação Infantil. Dos poucos que conheço, creio que nenhum trabalha na educação infantil e seguiram caminhos diferentes, como cursarem outras graduações, assim como trabalhar em outro segmento. (Voss, coordenadora do curso).

O curso de pedagogia da UFAL-Sertão, nesse período de 10 anos da sua existência não formou muitos homens pedagogos, no entanto a procura pelo curso na instituição é muito pequena. Compreensivelmente, o processo de formação educacional é a base para a formação

da identidade profissional. Ao exercer o verdadeiro papel de estrutura social estratificada, a educação tem a responsabilidade de formar a subjetividade individual, condizente com o mecanismo de demarcação social.

4.3 Investigando a atuação (ou não atuação) de pedagogos formados na UFAL no âmbito da Educação Infantil

Neste capítulo, compartilho com alguns professores que desempenharam (ou não) um papel educar e cuidar³¹, profissionais que se lançaram ao trabalho docente, com crianças bem pequenas. A experiência desses profissionais nos ajudou a compreender as motivações para se tornar professor de educação infantil. Quando essa escolha ocorre, por ainda ser carregado de estigma e preconceito.

4 Tem professores homens na educação infantil sim: Da formação a atuação

“Sim, somos essa minoria sim! Mas não por representarmos uma pequena porcentagem atuando na educação infantil. Mas pelo simples fato de fazermos a DIFERENÇA” (Corrêa, Professor).

A docência masculina na educação infantil ainda nos dias de hoje, se encontra muito atrelada à figura da mulher, professora, mãe, sem citar é lógico a eternizada tia, diante disso a figura masculina é de certo modo rejeitada, pela própria comunidade escolar. É possível notar algumas mudanças de olhar e um aumento da presença masculina na Educação Infantil. O número de homens na Educação Infantil aumentou na última década, os estudos nessa área ainda são de certa forma escassa.

Da mesma forma, quando pararmos para visitar uma escola de Educação Infantil, percebe-se que esta é uma área de atividade profissional marcada pela presença feminina. A Educação Infantil desenvolve-se naturalmente em um espaço feminino, o que acaba por dificultar a constituição da profissão de professor de Educação Infantil e a definição dessa profissão.

Como afirma Deborah Thomé Sayão (2005),

³¹ De acordo com (Sayão, 2005) o binômio cuidar/educar na educação infantil são elementos indissociáveis nessa fase de ensino.

Se o gênero é constitutivo das relações sociais entre homens e mulheres, obviamente pensar as ações no interior da creche implica pensar em relações engendradas não só do ponto de vista da identidade dos/as profissionais, mas também do ponto de vista das ações que os/as mesmos/as exercem sobre as crianças (p. 44-45).

Nesse sentido, a Educação Infantil se estabelece por meio do trabalho cotidiano de homens e mulheres, e não determinado pela estrutura de gênero, que se tornará a pedra angular do setor.

Ao focarmos no processo da feminização da docência, especialmente na área da Educação Infantil, questionamos três professores sobre os motivos e as circunstâncias que seguiram na escolha da profissão de educador e na utilização da Educação Infantil como espaço de ação. No entanto posicionar e escolher uma profissão importante significa abrir mão de outras possibilidades.

Com o intuito de compreendermos, os motivos pelas tais escolhas dos professores, trazemos alguns depoimentos:

Bom! Minha escolha se deu pelo motivo de gostar de criança, simplesmente não sei explicar, por ter tido um ótimo professor que me inspirou e pela tentativa de fazer mudanças na sociedade. (Professor Alcântara.)

Minha mãe era professora e tudo começou na minha infância, ela foi à pessoa que me incentivou a escolher essa carreira de educador. E hoje não me arrependo nem um pouco da profissão que eu escolhi. (Professor Araújo.)

Por gostar de ser professor, pois sempre na minha infância eu parava para observar meus professores da educação infantil, e esses professores me incentivaram na minha escolha. (Professor Souza.)

Em relação às motivações para a escolha da profissão, os professores direcionam, entre outras razões, relatos da infância vivida ou da adolescência, como períodos essenciais, em um futuro próximo, as pessoas estão ansiosas por buscar qualificação profissional para manter as práticas que desenvolvem com seus filhos ou fazer recomendações familiares.

Toda profissão é decorrente de um curso, no entanto todo curso se dá através de uma escolha, surgem questionários diariamente sobre a escolha do curso pelo qual optamos por cursar. Considerando a livre escolha das profissões, e o fato de serem questionados, para obtermos fatos concretos, dois entrevistados mencionaram o seguinte: *Não! nunca fui questionado. Sou apenas de fato me tratado com admiração. (Professor Alcântara).*

Sempre há questionários a respeito das nossas escolhas sejam eles de formas indiretas ou indiretamente. A princípio me perguntaram: Nossa por que professor? Tem tantos outros cursos, porque não ser professor de educação física? Ah, professor de educação física é melhor que professor de educação infantil, mesmo

que você seja homem entre tantas mulheres, num curso totalmente feminino. (Professor Araújo).

Nesses depoimentos, foi compreendido que de qualquer forma sempre haverá questionamentos a respeito das escolhas do curso para o ensino superior, como também muitos professores são recebidos com carinho e atenção ao adentrarem em um ambiente educacional. Desencadeando uma série de manifestações em meio à sociedade. A escolha profissional dos professores também foi questionada, considerada como uma transgressão à norma instituída.

Em meios a várias mudanças na relação entre gênero e profissão à existência de homens engajados na educação e no cuidado de crianças pequenas, especialmente a situação coletiva das crianças de 0 a 5 anos e 11 meses³², ainda é bastante reduzida, embora ainda crescente. A fim de compreendermos melhor essa questão da presença do sexo masculino na Educação Infantil, foi questionado aos professores se eles concordariam que a área da Educação Infantil e apenas lugar para as mulheres.

Vejam os seguintes comentários:

Não! Pois o curso é amplo e nos oferece várias possibilidades de atuar no mercado de trabalho. (Professor Araújo)

De forma alguma, afinal é um lugar heterogêneo composto por meninos e meninas, então de fato pode ser composto por professores e professoras também. (Professor Alcântara)

Através dos relatos, podemos perceber que de fato os professores não concordam com a ideia de que a Educação Infantil seja apenas lugar de mulher, onde os dois profissionais estão aptos a realizar o procedimento. Sempre foi visto com bons olhos a questão da presença masculina no universo da educação infantil. A presença masculina dá uma quebrada também nessa coisa, da criança, teve sempre a professora, veio o professor, então a figura muda, não é mais a professora, a tia, de repente vem o pai, na hora.

Porém, a presença do homem é necessária nesse universo infantil já que ele representa as características masculinas que são importantes para as crianças nessa faixa etária (SAPAROLLI, 1996).

³² Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 – amplia o Ensino Fundamental para nove anos de duração e a educação infantil passou de 0 a 6 para 0 a 5 anos e 11 meses., com a matrícula de crianças de seis anos de idade e estabelece prazo de implantação, pelos sistemas, até 2010.

Na educação infantil, o homem por muitas vezes podem ser confundido pela criança com a figura dos seus pais, nessa perspectiva, usarão dessa semelhança para atuarem dentro da sala de aula de forma semelhantes a da mulher, o que contribuirá para a educação infantil.

Hoje, apesar da baixa incidência, ainda existe homens atuando como professor na Educação Infantil, comparado com o passado. Os homens que atuam como professores de Educação Infantil se depararam com outro questionamento, que estão interligados quanto preconceito ou discriminação.

Na Educação Infantil, há uma tradição de maternagem, que é, social e culturalmente, associada à mulher. Isso vem mudando gradativamente. Diante de noções de masculinidade suprema e de concepções de infância que permeiam o imaginário social, a presença, em um mesmo espaço social, do homem e da criança, como ocorre na educação infantil, surgiu assim questionamentos preconceituosos entre esses dois sujeitos históricos.

A respeito desse preconceito, foi questionado aos professores se por algum motivo algum deles já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação por atuarem na educação infantil, seja por parte dos pais dos alunos/pais/direção/colegas de trabalho. E obtivemos os seguintes comentários:

Não, muito pelo contrario, sempre fui bastante respeitado, tanto pelos pais dos alunos quanto pelo corpo diretivo que compõe aquele ambiente educacional, só um pai que chegou a me confundir com o porteiro. (Professor Alcântara)

Sim, me aconteceu tanto por parte dos pais quanto da direção, no principio ao chegar à sala de aula fui questionado pelo pai da criança o que eu estaria fazendo naquele espaço juntamente com todas aquelas crianças, e rapidamente o questionou onde estaria a professora? Falei pra ele em seguida: oi! bom dia seu moço! então sou o professor da turma. (Professor Araújo)

Nesses depoimentos, desponta com força a desconfiança e o medo que os pais manifestam acerca da figura masculina no contexto educacional infantil, refere-se não só à presença do homem na função de professor, à sua escolha profissional, mas também aos procedimentos adotados em momentos de cuidados corporais e à orientação sexual das crianças, remetendo ao profissional a questão de um suposto abusador sexual.

Diversas são as dificuldades enfrentadas por esse publico entre essas dificuldades esta a homofobia seguida do preconceito, onde parte da ideia de que homens são incapazes de lidar com crianças por serem indelicados ou autoritários, o pressuposto histórico de que o cargo se trata de um trabalho feminino, o medo dos pais da pedofilia e assédio sexual, além da concepção de que a docência é uma carreira pouco rentável para homens que querem formar uma família.

De acordo com Silva (2014), esse estranhamento com um homem em sala de aula é o resultado de uma padronização sexista da profissão e da formação do profissional para essa faixa etária. Essa padronização cristaliza a compreensão sobre a relação dos pares na atuação docente, fazendo com que a preservação da diversidade também na identidade docente seja subjugada por essas concepções inflexíveis sobre o ser professor na educação infantil. O estranhamento da família e até de muitos profissionais que atuam na Educação Infantil faz com que os homens sejam “obrigados” a provar suas competências e habilidades, algo que não acontece inicialmente com a figura feminina.

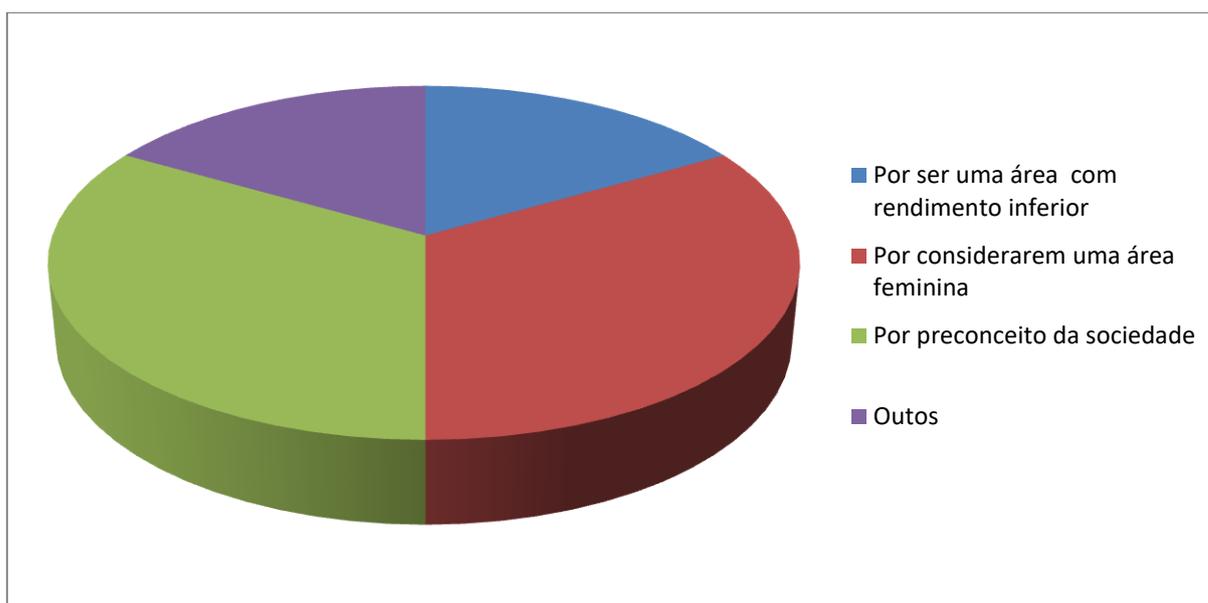
Ao se pensar nesse relacionamento tão próximo entre o homem e a criança como é a convivência do professor com o aluno, logo se edificam medos como (...) “a associação da figura do professor, homem, docente que não gosta de mulheres; “ele é gay”; e a pior de todas, mais preconceituosa e perigosa o discurso e a ideia associativa do professor homem na educação infantil a um pedófilo” (SILVA 2014, p.60).

As crianças dentro do ambiente escolar precisam se adaptar dessa realidade, dessas influências mútuas, professora e também de professor para que elas tenham a possibilidade de conhecer de forma plural as relações que permeiam a vivência da escola que nada mais é do que um reflexo das relações da sociedade. Costa (2007, p. 13) menciona com bases em estudos lusitanos sobre a temática: “(...) a presença masculina, além da feminina, nas organizações escolares dos primeiros níveis, no sentido do desenvolvimento integral das crianças e no intuito da maior visibilidade dos elementos masculinos do estatuto sócio profissional”. Entende-se que o ensino para essa faixa etária, não pode ser traduzido pelo predicado materno, mas de acordo com Silva (2014) deve ser competência de quem está habilitado e qualificado para ensinar, para mediar o conhecimento independentemente de sua definição de sexo.

. A escassez de homens no trabalho docente com crianças não representa novidade seja no cotidiano das instituições de Educação Infantil, seja na produção acadêmica da área. O que muitas vezes se apresenta como inovador e até mesmo alvo da admiração de favoráveis e contrários é a presença masculina na docência com crianças. Com o intuito de entendermos o motivo de existir poucos homens na EI, foi questionado aos professores o seguinte; em sua opinião, porque existem poucos homens que querem atuar na educação infantil?

E obtivemos os seguintes resultados apresentados no gráfico a seguir:

Gráfico 4-Motivos de existir poucos homens que querem atuar na educação infantil



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Considerando, pois, as respostas obtidas dos docentes, percebemos que os motivos mais comentados pelos entrevistados foi por ser uma profissão considerada feminina, por esta ligada a feminização do magistério, centrada na questão da maternagem e no binômio educar e cuidar, e por parte do preconceito da sociedade, onde a maioria desses profissionais tem sua masculinidade exposta, ao escolherem a educação infantil como ambiente para atuar.

O preconceito, esse fenômeno vem do termo: Androfobia – Durante muito tempo, a educação foi responsabilidade da mulher, já que esta era possuidora de “dons naturais para cuidar”, tornando a educação infantil uma vocação, e não uma profissão. A questão do preconceito infelizmente é uma herança da cultura paternal. Mas o professor homem não pode se abalar, deve mostrar que é capaz de exercer a profissão de igual para igual.

Segundo Bourdieu (1999, p.75) quando um homem ocupa uma profissão considerada feminina, duas situações opostas podem surgir: além da incapacidade da pessoa de derogar, ele não pode menosprezar o fato de que executa certas tarefas socialmente designadas como inferiores ao seu sexo, e existem outras razões, porque esta ideia está excluída. Ele pode fazer isso, pode ser nobre e difícil para os homens se engajarem nas mesmas ocupações, enquanto pode ser trivial e imperceptível para as mulheres se engajarem nessas ocupações, fáceis e fúteis.

Nessa perspectiva, um homem pode se tornar vítima de preconceito no setor, ou sua participação pode tornar o setor mais valorizado.

A presença masculina na docência da Educação Infantil tem se mostrado pouco representativa para que sejam possíveis mudanças nesse sentido e, as razões que mantêm o homem afastado dessa profissão ainda têm mitos e ideias arraigados sobre masculinidade, espaço profissional ocupado preferencialmente por mulheres, além dos baixos salários, condições inadequadas de emprego e baixo status da profissão. (SAPAROLLI, 1996, p.39).

Carvalho (1998, p. 88), comenta sobre estereótipos e opiniões sobre ao homem que lida com crianças pequenas:

Trata-se de pessoas do sexo masculino, lidando quotidianamente com expectativas, conceitos e tarefas culturalmente associados à feminilidade e que, uma vez que a estreita correlação entre feminilidade e mulheres, masculinidade e homens também é um pressuposto estabelecido, são igualmente expectativas, conceitos e tarefas estreitamente associadas às mulheres.

Esse fator é relativo por se dá através da visão preconcebida de que a sala de aula ser apenas lugares onde as mulheres possam atuar e os homens em outros setores. A profissão docente envolve todo o quadro histórico e social, implicando “Missão”, esta tarefa é mais do que uma compensação financeira em si e Isso faz com que o professor pense que nasceu para isso e que é um “dom” pessoal.

A associação da profissão docente ao gênero feminino na educação infantil se justifica por uma relação entre o cuidar e educar existente na sala de aula da educação infantil. Esses aspectos se refletem na identidade do professor e Parentes (tias, mães) e atendem às necessidades básicas dos filhos.

O estilo de vida dos homens e mulheres depende de toda a sociedade, da estrutura cultural e histórica, o que faz com que a masculinidade e a feminilidade marquem cada pessoa de um determinado local e momento.

Para tentarmos compreender o porquê a docência esta voltada à figura feminina, foi-se questionado aos professores o seguinte: Muitas pessoas associam a profissão docente ao gênero feminino. O que você enquanto professor diria a essas pessoas? E obtivesse os seguintes comentários:

Não! Bom. Que de certa forma e um lugar de atuação em que qualquer pessoa que deseje e se prepare para isso pode exercer naturalmente a profissão. (Professor Alcântara)

Independentemente de existir essa suposta associação, a educação infantil e lugar de ambos os sexos atuarem, no entanto se há professores homens na educação infantil e porque o mesmo teve esse lugar conquistado. (Professor Souza)

Note-se que, embora todos acreditem nesta correlação, percebemos que os professores mesmo diante de uma situação como essa tendem em se explicar levando considerações úteis

com o intuito de quebrar um pouco esses paradigmas construídos culturalmente por uma sociedade ainda hoje com vestígios do patriarcado.

Ao vincular a origem da educação infantil às mulheres, Rosemberg (1999), justifica essa associação à característica vinculada à "produção humana". De acordo com a autora,

A educação infantil – tanto na vertente creche quanto na vertente pré-escola – é uma atividade historicamente vinculada à "produção humana" e considerada de gênero feminino, tendo, além disso, sido sempre exercida por mulheres, diferentemente de outros níveis educacionais, que podem estar mais ou menos associados à produção da vida e de riquezas. Isto é, diferentemente de outras formas de ensino, que eram ocupações masculinas e se feminizaram, as atividades do jardim-da-infância e de assistência social voltadas à infância pobre iniciaram-se como vocações femininas no século XIX, tendo ideais diferentes das ocupações masculinas que evoluíam no mesmo período. (ROSEMBERG, 1999, p. 11)

Do ponto de vista da naturalização ideológica, existem dois princípios organizacionais em funcionamento: o princípio da separação, que leva em conta a existência de empregos masculinos e femininos, e o princípio hierárquico, segundo o qual o trabalho desempenhado pelos homens tem mais funções do que as desempenhadas pelas mulheres.

Esses professores passam por inúmeras dificuldades ao longo de suas carreiras, e através disso educar tornou-se uma profissão de amor e coragem. Muitas são as dificuldades que esses profissionais passam diariamente no seu ambiente de trabalho. Para entendermos essas dificuldades passadas por esses professores, foi questionado o seguinte; quais as vantagens e dificuldades do seu fazer docente pedagógico, enquanto professor homem:

E obtivemos os seguintes resultados:

As vantagens e dificuldades propiciadas pela profissão no campo pedagógico são as mesmas independente de gênero. Pelo menos na minha experiência educacional, pois particularmente não enfrentei problemas com relação a isso. (Professor Alcântara)

A dificuldade mais recorrente em minha trajetória de educador na educação infantil, foi o fato de ser o único professor homem na escola em que eu atuo, na época do meu ingresso, mas eu estava ali com um propósito, lecionar, e independentemente nada e nem ninguém iria me impedir de realizar meu trabalho. E a vantagem, se centrava na mesma pegada por ser o único homem na escola, estaria eu ali sendo e fazendo a diferença. (Professor Araújo)

Através dos relatos dos professores, entendemos que quando algo é realizado com amor, carinho e determinação tudo pode ser realizado, O cenário remonta aos desafios enfrentados pelos professores do sexo masculino na educação infantil, segmento marcado pela presença feminina. Pais, responsáveis e até colegas de profissão têm preconceitos baseados em estereótipos de gênero e falta de conhecimento geral da sala de aula.

Portanto, os professores que trabalham com crianças marcam a história da educação por meio da matrícula e da permanência na educação infantil. Portanto, acredita-se que, por meio da realização das entrevistas, suas marcas serão registradas neste trabalho de pesquisa, sejam quais forem às motivações para estarem na educação infantil, elas ultrapassam os limites de qualquer resistência.

A análise das trajetórias desses professores mostra que, para os homens, a educação infantil é um campo de ação possível e, no cotidiano, outras concepções de masculinidade podem surgir, incluindo cuidado e educação, bem como escolhas para os homens. Uma carreira docente específica para crianças, como possibilidade para os sujeitos do sexo masculino.

5 PIBID: Reflexões sobre a experiência docente por entre olhares e abraços

A prática e atuação pedagógica estiveram presentes no meu caminhar, o que me colocou em contato com a sala de aula e com os alunos. Nesse sentido, venho parabenizar e retribuir a alegria que recebi ao adentrar o espaço da Escola Municipal De Ensino Infantil Monteiro Lobato, em Delmiro Gouveia, por meio dos seus gestores, da professora Maria José, a qual tem como um exemplo a seguir e admiração, juntamente com a ilustre participação dos meus colegas, que juntos, permitiram a minha liberdade e atuação como docente, dando-me apoio e alegria no desenvolver das atividades.

Antes de iniciar falando sobre as experiências adquiridas e vividas nesse percurso vou logo adiantando não foi nada fácil, no entanto fui alvo de um ato preconceituoso, na condição de bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), do subprojeto Educação Infantil, desde o lançamento do edital do programa daquele referido ano, por se encontrar apenas minha pessoa e outro aluno se inscrevendo para seleção de bolsistas, onde estariam concorrendo 24 pessoas, dentre as mesmas 22 eram mulheres e apenas 02 homens, com o passar dos meses em meio às etapas do processo seletivo saiu o tão esperado resultado, surpresa, lá estava meu nome na lista dos aprovados como bolsista, esse era o objetivo pelo qual realmente desejava almejar, dias após ao resultado, o outro aluno acabou por desistir, então me peguei a pensar, e me perguntar: Opas! Como assim? Então só serei eu agora? Mas e daí? Isso não iria me fazer desistir, sou determinado e quando eu quero eu faço acontecer.

Os dias se passaram e o grande dia de conhecer a escola e a turma onde iria atuar chegou, estávamos todos felizes, quando chegamos à escola para iniciarmos as nossas atividades, ouvi sussurros onde uma supervisora do subprojeto comentou com outras suas

amigas de trabalho o seguinte: *como um homem poderia lecionar aula pra crianças, ainda mais uma turma de maternal*. Para o entender de muitos, para ela a sala de aula seria apenas lugar das mulheres, porque a mesma tem um espírito maternal e se sobressai melhor mais nas atividades na sala de aula. Porém mal a sabia que futuramente surgiria o convite da diretora para que fosse substituí-la em suas férias. Meu maior prazer seria estar junto no momento em que ela iria ser informada que sua turma ficaria sobre a orientação de um professor e não de uma professora durante o período do seu afastamento.

Preconceito este que eu jamais pensaria presenciar e muito menos sentir na pele, algo extremamente desnecessário, como falou meus colegas de trabalho, um tremendo absurdo. Uma instituição de ensino reconhecida por carregar legados se tornou cenário de rejeição e preconceito. Situações assim acontecem corriqueiramente na vida de muitos professores homens nas instituições brasileiras.

Ao chegarmos à escola fomos recebidos de braços abertos, a diretora foi super acolhedora nos apresentou o espaço e o corpo docente, o ambiente ficou um pouco a desejar, pois as salas eram bem pequenas para acolher um número bem grande de alunos e Pibidianos. Quando iniciamos as atividades pegamos uma turma que se encontrava em avanço nas atividades do ano letivo.

Por ser uma turma do maternal não foi nada fácil, mas nada é impossível. Eu e meus amigos bolsistas sempre procuramos estratégias e metodologias para planejarmos as atividades que seriam repassadas para os alunos da turma, com o intuito de levar o conteúdo de forma mais clara para que os alunos assimilasse bem o conteúdo. Mas o planejamento era repassado para a supervisora para que ela analisasse e ver se estava de acordo com o desempenho da turma. A supervisora Maria José, sempre nos acolhia nas nossas decisões em questão do desenvolvimento das atividades rotineiras, nesse longo período tivemos a oportunidade para compartilharmos experiências e conhecimentos, onde a mesma me passou muitas informações e dicas de como ter uma boa postura como um professor.

Desde quando comecei a trabalhar nesse ambiente percebi que homens eram escassos, e que o dia-a-dia escolar era pensado e estruturado de forma que remetia ao modo feminino de se fazer as coisas, por se tratarem em sua grande maioria de mulheres desenvolvendo tanto os cargos docentes quanto de gestão e apoio (cozinha, limpeza, serviços administrativo).

Para pensar a experiência de ensino do homem na educação infantil, partimos do pressuposto de que eles são minoria nessa etapa do ensino básico, segundo (SAYÃO, 2005) os homens correspondem aproximadamente à ínfima proporção de 6% dos/as professores/as na educação infantil. Porém, mesmo sendo em quantidade tão pequena eles estão nesses

meios marcando sua presença e suas formas de fazer e pensar a educação infantil. É importante ressaltar que a docência na educação infantil é uma profissão muito recente e que vem sendo construída a cada dia pelos (as) profissionais que nela atuam diretamente, pelas meninas e meninos pequenos que a frequentam e pelos/as estudiosos/as da área.

Algumas das atividades realizadas ao longo das idas à escola foram os seguintes projetos: Acolhimento; Projeto de leitura: Monteiro Lobato te leva ao mundo Encantado da leitura; Páscoa; Dia das mães; Cabeça, ombro joelho e pé; Click, click, zoom; Tradições juninas; Preservação do meio ambiente; Visão e diversão, Cultura alagoana; Folclore; terra; Brincadeira a vista, Semana da pessoa com deficiência; Semana da criança; Ar: inspire, expire, antes que a brincadeira termine! Fogo: xué, xuá, não deixe a brincadeira “acabar” Natal, entre outras.

Tivemos reuniões quinzenais, denominadas “encontros”, com o coordenador do projeto, onde utilizamos esses encontros para dividirmos nossas experiências e debatemos assuntos denominados importantes para a temática da educação. Com o supervisor também tivemos encontros quinzenais para realizações de planejamentos das aulas, que seriam aplicadas no decorrer daqueles dias. No dia 27 de janeiro 2020 tivemos a última reunião com o coordenador para assinatura da ata de encerramento do programa.

Particpei do II EPIBID, um evento realizado na UNIVERSIDADE FERDERAL DE ALAGOAS-CAMPUS DO SERTÃO, no dia 21 de agosto de 2019, nesse evento tivemos a oportunidade de expor alguns dos materiais produzidos com os alunos desde o início do programa até a data do evento. Apresentei um artigo com algumas amigas do programa sobre as práticas do PIBID em sala de aula.

Logo depois tive a honra de participei do ERELIC (III Encontro Regional Das Licenciaturas Do Nordeste) o qual aconteceu em os dias 15,16 e 17 de dezembro de 2019 na cidade de Maceió –AL. Onde submetei um artigo à apresentação, com a modalidade comunicação oral, o artigo teve como título: Crianças conectadas: O impacto da tecnologia no ato de brincar. Apesar de ser a primeira vez, a qual iria apresentar um artigo, fiquei super nervoso, porém no final deu tudo certo, foi uma experiência única e eu a amei.

Ter participado desse programa o PIBID foi algo muito satisfatório, eu como futuro docente, pois adquirir experiências como também compartilhei, esse período pude perceber que o papel do professor não é nada fácil, mas também nada é impossível, quando algo é feito com amor tudo se torna mais fácil. O programa trouxe grandes contribuições para a minha formação docente, porém para que ele continue são necessários que os investimentos e repasses de recursos públicos sejam normalizados e todos os envolvidos no programa se

comprometam com a formação docente, caso contrário o programa vai “morrendo” aos poucos. Por fim, acredita-se que o PIBID é importante para a formação inicial de professores por aproximar escola e universidade, teoria e prática, algo muito falado, porém ainda pouco realizado.

Posteriormente vêm os alunos, que me ensinaram o que é ser verdadeiramente um professor. Esse não foi meu primeiro contato com uma turma de crianças, ao cursar Ensino Médio Normal tive o privilégio de atuar, ter contato com muitas crianças, seus familiares e com todo o corpo escolar que compõe a instituição de ensino. Saibam que ficarão para sempre em minha memória, guardarei todos os momentos de alegria, divertimento, tensão, desespero, aulas, atividades e cada olhar, abraço, sorriso, os agradecimentos serão eternos. Como também, a parceria com toda a comunidade escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo analisar como funciona o acesso, permanência, evasão e conclusão de discentes do sexo masculino matriculados no curso de pedagogia da UFAL, descrevendo as possibilidades e dificuldades de atuação docente na Educação Infantil, destacando as razões históricas e sociais que tem contribuído para desenvolver preconceitos acerca do gênero masculino na educação infantil, desmistificando e esclarecendo padrões de gênero relativo à profissão docente.

Compreendemos que o peso da escolha do curso, o que levará a carreira profissional, não é nada fácil, ao ingressar a UFAL-Sertão, os discentes enfrentam uma série de barreiras, pois isso estar interligado a diversos fatores, como: por não conseguir conciliar o estudo com trabalho, pois na maioria das vezes possuem suas próprias famílias ou tem que ajudar os pais com as despesas, por deixar de estudar uma área por que um ente querido deseje que ele curse outra, pelo fato do curso que tanto sonhou deixar de ser a primeira opção e vim a ser um segundo plano, no entanto quando o aluno é aprovado em uma universidade Pública e afora uma Federal, o mesmo começa a descobrir da sua capacidade.

Se no período de ingresso já estão expostos a esse tipo de aprovação e já não está sendo nada fácil, e no percurso formativo que muitos acabam por desistirem por acreditarem que estão ali por estar, que não se identificam com a profissão, a questão do preconceito por ser uma área considerada feminina, que as disciplinas estão pesando, que estão se sentindo sufocados, pois o curso exige muito, etc.

Muito poucos são aqueles que chegaram à reta final, com o tão sonhado diploma em mãos, que estão ali por que mereceram e acreditavam em sua capacidade, que futuramente estarão atuando na área desejada, que não importam o que eles terão que enfrentar, e estarão ali realizando seu trabalho com todo amor e dedicação, sem se importarem com o preconceito, as piadas e os olhares de reprovação.

A presença de homens na educação infantil é um fenômeno raro frente à histórica predominância do gênero feminino no trabalho docente com crianças. Afirmar a escassez de homens no trabalho docente com crianças não representa novidade seja no cotidiano das instituições de educação infantil, seja na produção acadêmica da área. O que muitas vezes se apresenta como inovador e até mesmo alvo da admiração de favoráveis e contrários é a presença masculina na docência. Os fatores econômicos, culturais, sociais, etc. contribuem para as dificuldades de acesso de homens na educação infantil.

Nas análises das trajetórias dos professores, obviamente, além dos desafios inerentes ao ensino da primeira infância, para os docentes do sexo masculino, nesta fase da formação, as dificuldades relacionadas às concepções hegemônicas masculinas têm se mostrado incompatíveis com o ensino. Os problemas na trajetória desses sujeitos revelam como o conceito de feminino/masculino se polariza em nossa sociedade e a perspectiva de relacionamento necessária para compreender as relações de gênero na profissão docente.

No mesmo sentido proposto por Simone de Beauvoir (1980), não só a mulher não nasce mulher, mas torna-se mulher, como também o homem, no decorrer de suas relações sociais e culturais, torna-se determinado homem, com características, preferências e formas de expressão próprias, podendo condizer ou não com as noções de masculinidade hegemônicas em sua comunidade.

Em suas trajetórias esses professores nos mostra que a educação infantil é uma área de atuação plausível tanto para homens como para mulheres, em seu cotidiano, outras concepções de masculinidade podem surgir, incluindo cuidar e o educar e a possibilidade de escolha de uma profissão docente específica para crianças do sexo masculino.

No entanto, para se adequar à sua profissão e buscar motivos de escolha, essas pessoas, é claro, também estão introduzindo contradições e dando um novo significado às práticas e aos comportamentos. Eles mostram que existem ocupações masculinas, formas de cuidar de crianças relacionadas à masculinidade e costumes diferentes dos professores por envolverem mais claramente uma gama mais ampla de atividades esportivas, de competitividade e autoridade, mas ainda incluem costumes de puericultura. Eles mostram que existem elementos do caráter de um homem que são considerados femininos pelo senso

comum. Em um ambiente social conservador, a divisão de papéis e funções entre homens e mulheres é extremamente rígida, essas atitudes são inovadoras e certamente representam sinais de mudança.

A educação infantil deve ser o foco das discussões governamentais, seja em nível estadual, municipal ou federal. E investir na qualificação de profissionais para que possam cuidar de seus filhos em todas as suas necessidades. Portanto, é necessário recomendar investimentos em cursos de graduação e educação continuada, para que os profissionais que já atuam ou desejam se dedicar à educação, especialmente à educação pré-escolar independente do gênero, possam obter experiência de formação continuada.

Com o intuito de responder a um questionário evidenciado no final do tópico intitulado por: A emigração do homem na docência e o ingresso da mulher na p.36, desta presente pesquisa. É importante considerar, neste momento, há ausência a de profissionais do sexo masculino na educação infantil pode ser explicado como resultado de valores sociais, em que e notável a divisão de tarefas entre os gêneros é óbvia.

O trabalho em todos os aspectos de higiene, alimentação, formação de valores e o que constitui uma educação responsável não depende do gênero do indivíduo. Uma sólida formação proporciona aos profissionais seguranças e capacidades abrangentes, capacitando-os a lidar com situações em que a família os considera mais vulnerável (como a comunicação de saúde de crianças com deficiência, ou o estado de saúde de crianças que ainda precisam de ajuda de adultos).

Hoje em dia, pouco se ver um homem (enquanto função de pai) cuidar dos filhos, não só porque essa função é considerada feminina, mas também porque na cultura brasileira as pessoas tendem a pensar que os homens são menos cautelosos ou menos confiáveis, mais impulsivos, mais violentos e até, vistos como potenciais abusadores, concepções enraizadas que precisam ser desnaturalizadas.

Entendeu-se que o professor homem, com a sua singularidade é de suma importância para o processo educativo, interferindo no processo de ensino e aprendizagem das crianças e na configuração das masculinidades e feminilidades, tanto dos professores, como também dos alunos e alunas, possibilitando marcas e contribuições significativas na vida da comunidade escolar.

Em suma, quanto mais professores homens surgissem nesse campo profissional, melhor seria para a equidade de gêneros e desconstrução dos referenciais, promovendo assim, permanente ressignificação de espaços e papéis sociais.

6 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo. UNESP. 1998.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.
- BARDIN, L. (2006). **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977).
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1999
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.160 p.
- BRASIL. (1988). **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF.
- BRASIL/ MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Nº Lei 9.394, de 20 Dezembro de 1996.
- BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto**. Referencial Nacional Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC/SEF/COEDI, 1998.
- BRASIL. **Ministério da Educação/Secretaria da Educação Básica**. Indicadores da Qualidade na Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2009.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CAMBI, F. 1999. **História da Pedagogia**. São Paulo, Fundação Editora da UNESP (FEU), 700 p.
- CARVALHO, M. F. de L. **Que mulher é essa?: identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais**. 2011. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) - Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- CARVALHO, Marília Pinto de. **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. São Paulo: Xamã/FAPESP, 1998.
- CARVALHO, Maria Pinto. **No Coração da Sala de aula**. São Paulo: xamã. 1999.
- CARVALHO, Marília Pinto de. Vozes masculinas numa profissão feminina. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 6, 1998.
- CERIZARA, B. Rousseau, **A educação na Infância**. São Paulo: Scipione, 1990.

- CONNELL, R. **Políticas da Masculinidade. Educação & Realidade.** Porto Alegre. V.20, n. 2, jul./dez. 1995.
- COSTA, C. E.C. **Tem homem na escola!!!** Um olhar sobre o corpo / identidade masculina na educação/saúde. Tese (Doutorado em ciências). Fundação Oswaldo Cruz. Instituto Fernandes Filgueira. Rio de Janeiro, 2007.
- CHAUÍ, Marilena. **A universidade pública sob nova perspectiva.** Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 24, p. 5-15, Dez. 2003. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782003000300002&lng=en&nrm=iso> 09 out. 2020.
- CHAPLIN, Charles. **Tempos modernos.** Estados Unidos, 1936. 87 min. 01 Filme
Jaeger, Werner. Paidéia, a Formação do Homem Grego. Martins Fontes, 1995.
- CHAMON, Magda. **Trajatória da feminização do magistério: ambiguidades e conflitos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- DUARTE, Rosália. **Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo.** Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Cadernos de Pesquisa, n.115, p.139-154, Março 2002.
- EHRENBERG, R. **Econometric studies of higher education.** *Journal of Econometrics*, n. 121, p. 19-37, 2004.
- Firmino, Mônica Maria. **A expansão da Universidade Federal de Alagoas UFAL no interior nordestino: o campus do sertão no desenvolvimento do município Delmiro Gouveia e região - 2018.**
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia - saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo: Olho d'Água, 1997.
- GARCÍA-VILLOSLADA, R. **Santo Inácio de Loyola: uma nova biografia.** São Paulo: Loyola, 1991.
- GHIRALDELLI, P. Jr (Org). **Infância, Escola e Modernidade.** São Paulo: Cortez, 1997.
- GROSSI, M. P. **Identidade de gênero e sexualidade.** Estudos de Gênero: Cadernos de área n. 9. Goiânia: Editora da UCG, 2000.
- GÜNTHER, Hartmut. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: Esta é a questão?** Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 22, n. 2, p. 201-210, 2006.

HOBBSAWM, Eric. **Ecossistemas da Marselhesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 124-5.

IGLÉSIAS, Francisco. **A Revolução Industrial**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LE GOFF, J. 1995. **A Civilização do Ocidente Medieval**. 2ª ed., Lisboa, Estampa, vol. I, 384 p.

LE GOFF, J. 1997. **Der Mensch des Mittelalters**. In: J. LE GOFF (org.), *Der Mensch des Mittelalters*. Frankfurt, Fischer Taschenbuch Verlag, p. 7-45.

LOURO, Guaciara Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guaciara Lopes. **Mulheres na sala de aula**. In: História das mulheres no Brasil. DelPriore, Mary (org.). 5ª ed. São Paulo: Contexto. 2001.

MANACORDA, M. A. **História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MIRANDA, Elis. **A influência da relação professor-aluno para o processo de ensino aprendizagem no contexto afetividade**. In: 8º Encontro de Iniciação Científica e 8ª Mostra de Pós Graduação. FAFIUV, 2008. Disponível em: <http://www.ieps.org.br/ARTIGOSPEDAGOGIA.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

MOEHLECKE, S. **Avaliação institucional no ensino superior: como acompanhar a trajetória dos estudantes de graduação?** UFRJ. (2007), disponível em: http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/401.pdf, acessado em 05/07/2020.

PERNOUD, R. 1994. **Idade Média: o que não nos ensinaram**. 2ª ed., Rio de Janeiro, Agir, 189 p.

RAMOS, J. **Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na Rede Municipal de Belo Horizonte – MG**. 2011, 139 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC/MG. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_RamosJ_1.pdf >. Acesso em: 15 jul. 2020.

REZENDE, Milka de Oliveira. **"Proletariado"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/proletariado.htm>. Acesso em 02 de fevereiro de 2021.

RESENHA DO FILME: **SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS**. Pedagogia ao Pé da Letra, 2013. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/resenha-do-filme-sociedade-dos-poetas-mortos/>>. Acesso em: 19 de agosto de 2020.

RIAMBAU, E. **Os Grandes Filmes de Chaplin: Tempos Modernos**. Barcelona: Ediciones Altaya. 1997. p. 27-38.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Expansão da educação infantil e processos de exclusão.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 107, p. 7-40, jul. 1999.

SAYÃO, Débora Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil: um estudo de professores em creche.** Dissertação (Doutorado em Educação)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SAPAROLLI, Eliana Campos Leite. **A educação infantil e gênero: a participação dos homens como educadores infantis.** Psicologia da educação: revista do Programa de estudos pós-graduados em Psicologia da educação. São Paulo: EDUC, n. 6, 1996, p. 107-125.

SCOTT, Joan Wallach. (1995). **Genêro: Uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, PP. 71-99.

SHAHAR, S. 1993. **Kindheit im Mittelalter.** Hamburg, Rowohlt Taschenbuch Verlag, 389 p.

SILVA, C. P. **Docência Masculina da Educação Infantil: Impressões de um iniciante. Gênero e Raça em Discussão.** São Paulo: Paco, 2014.

SOUSA, Rafaela. **"Taylorismo";** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/taylorismo-fordismo.htm>. Acesso em 02 de fevereiro de 2021

TAVARES, Maria das Graças Medeiros; ARAÚJO FILHO, Rodrigo. **Universidade Federal de Alagoas: um processo inovador de interiorização e democratização da educação superior.** In: CHAVES, Vera Lúcia Jacob; SILVA JÚNIOR, João dos Reis. (Org.). Educação Superior no Brasil e diversidade regional. Belém: EDUFPA, 2008.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e aprendizagem: A relação professor-aluno.** In: Psicologia, análise e crítica da prática educacional. Campinas: ANPED, 2000.

TIRIBA, Léa. **Educar e cuidar ou, simplesmente, educar? Buscando a teoria para compreender os discursos e práticas.** In: KRAMER, Sonia. (Org.). Profissionais de educação infantil: gestão e formação. São Paulo: Ática, 2005, p.66-86.

TOZZI, M. **Escolha da Profissão.** Revista Engenharia e Construção, nº. 88, p. 10 e 11, janeiro de 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Projeto da Universidade Federal de Alagoas: uma expansão necessária.** 2005. Disponível em: http://www.copeve.ufal.br/concursos/docente_ufal/projeto_interiorizacao_arapiraca.pdf. Acesso em 10 de outubro de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Projeto REUNI da Universidade Federal de Alagoas. 2007.** Disponível em: http://www.ufal.edu.br/transparencia/acoes-e-programas/reuni/projeto_reuniufal/PROJETO_REUNI_UFAL.pdf. Acesso em 08 de agosto de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Programa de Expansão e de Reestruturação da Universidade Federal de Alagoas**. Segunda etapa da interiorização: Campus do Sertão – Sede Delmiro Gouveia e Pólo Santana do Ipanema. Disponível em: <http://www.copeve.ufal.br/concursos/docente_ufal/projeto_interiorizacao_sertao.pdf>. Acesso em 29 de setembro de 2020.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALDOW, V. R. (2004) **O Cuidado na Saúde: As relações entre o eu, o outro e o cosmos**. Petrópolis/ RJ: Vozes.

VIEZZER, M. **O problema não está na mulher**. São Paulo: Cortez, 1989.

VYGOTSKY, Lev S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução de: Ana Thorell. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010. 248 p.

7 APÊNDICES

Apêndice 1- Roteiro de entrevista aplicado aos estudantes matriculados no curso de pedagogia do 2º, 4º, 6º e 8º período.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS-UFAL
CAMPUS DO SERTÃO

QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA

Prezados participantes, esse questionário está sendo realizado com o intuito de coletar dados para construção do TCC, cujos objetivos são: Compreender e destacar as razões históricas e sociais que tem contribuído para desenvolver preconceitos acerca do gênero masculino na educação infantil; Entender o percurso histórico do homem na pedagogia, desmistificando e esclarecendo padrões de gênero relativo à profissão docente; Descrever o acesso, permanência, evasão e formação de discentes da pedagogia do sexo masculino da UFAL e Investigar se pedagogos matriculados e formados na UFAL atua na Educação Infantil, destacando seus desafios e possibilidades enquanto docente. Sob responsabilidade de Janailsom Nunes da Silva, com orientação da Ma. Giseliaine Medeiros, sua identificação será preservada e desde já agradecemos por sua participação.

1 – Qual seu nome e idade?

2 – Como se sentiu ao saber que tinha ingressado na UFAL- Sertão?

3 - Por que você escolheu o curso de Pedagogia?

4- Qual período acadêmico esta?

5 - O curso de pedagogia foi sua primeira opção? Justifique.

() Sim

() Não

6 - Você tem algum interesse em lecionar na educação infantil? Explique?

7 - Já foi questionado pela sua escolha?

8- Você concorda que o curso de pedagogia e a área da educação infantil e apenas lugar das mulheres?

9 - Já sofreu algum tipo de preconceito relacionado ao curso?

10 - Educar na educação infantil fere sua masculinidade?

11 - Em sua opinião quais as principais dificuldades que o professor do sexo masculino encontra para lecionar na educação infantil?

12 - Em relação a suas experiências vividas você acha que a UFAL - SERTÃO durante seu curso de pedagogia prepara seus alunos do sexo masculino para atuar na educação infantil? Explique.

13 – Já pensou em desistir do curso? Justifique.

() Sim () Não

14- Na sua opinião, porque muitos alunos desistem do curso?

Apêndice 2- Roteiro de entrevista aplicado a coordenação do curso de pedagogia.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS-UFAL
CAMPUS DO SERTÃO

QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA

Prezados participantes, esse questionário está sendo realizado com o intuito de coletar dados para construção do TCC, cujos objetivos são: Compreender e destacar as razões históricas e sociais que tem contribuído para desenvolver preconceitos acerca do gênero masculino na educação infantil; Entender o percurso histórico do homem na pedagogia, desmistificando e esclarecendo padrões de gênero relativo à profissão docente; Descrever o acesso, permanência, evasão e formação de discentes da pedagogia do sexo masculino da UFAL e Investigar se pedagogos matriculados e formados na UFAL atua na Educação Infantil, destacando seus desafios e possibilidades enquanto docente. Sob responsabilidade de Janailsom Nunes da Silva, com orientação da Ma. Giseliene Medeiros, sua identificação será preservada e desde já agradecemos por sua participação.

COORDENAÇÃO

1. Nome, formação e tempo de experiência na área pedagógica?
2. O curso de pedagogia da UFAL, Sertão, nesse período de 10 anos formou muitos homens pedagogos? Qual foi sua experiência com relação ao público que procura este curso?
3. Pela sua experiência ao longo desses 10 anos, como você considera o acesso, permanência, formação e evasão de homens na pedagogia? Todos que entram formam? Existe de fato a evasão?
4. Como funciona o acompanhamento de egressos do curso de pedagogia?
5. No acompanhamento dos egressos já identificou homens que trabalham com a Educação Infantil?

Apêndice 3- Roteiro de entrevista aplicado a coordenação do curso de pedagogia.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS-UFAL CAMPUS DO SERTÃO

QUESTÕES DA ENTREVISTA

Prezados participantes, esse questionário está sendo realizado com o intuito de coletar dados para construção do TCC, cujos objetivos são: Compreender e destacar as razões históricas e sociais que tem contribuído para desenvolver preconceitos acerca do gênero masculino na educação infantil; Entender o percurso histórico do homem na pedagogia, desmistificando e esclarecendo padrões de gênero relativo à profissão docente; Descrever o acesso, permanência, evasão e formação de discentes da pedagogia do sexo masculino da UFAL, e Investigar se pedagogos matriculados e formados na UFAL que atua na Educação Infantil, destacando seus desafios e possibilidades enquanto docente. Sob-responsabilidade de Janailsom Nunes da Silva, com orientação da Ma. Giseliane Medeiros, sua identificação será preservada e desde já agradecemos por sua participação.

1. Qual seu nome e idade?
2. Qual a sua formação acadêmica?
3. Qual o tempo de formação?
4. Há quanto tempo você atua na educação infantil?
() Menos de 5 anos. () De 5 a 10 anos. () De 10 a 20 anos. () Mais de 20 anos.
5. O que você acredita que se deve fazer se um menino quiser brincar com bonecas e uma menina com tratores e ferramentas?
6. Você contribui para a promoção da igualdade de gêneros entre as crianças?
7. As questões de gêneros são discutidas pela equipe pedagógica em seus planejamentos?
8. Na hora da brincadeira ou outras atividades, há diferenciação no tratamento de meninas e meninos?

9. Os materiais didáticos estão preparados para trabalhar este tema com as crianças?
10. Educar na educação infantil fere sua masculinidade?
11. Você concorda que o curso de pedagogia e a área da educação infantil e apenas lugar para mulheres?
12. Já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação por atuar na educação infantil, por parte dos pais dos alunos/diretora/colegas de trabalhos?
13. Razões da escolha desta profissão: (Pode marcar mais de uma opção).
 - a. Por gostar de ser professor;
 - b. Foi a melhor opção dentre as existentes;
 - c. Por gostar de crianças;
 - d. Por gostar de exercer autoridade;
 - e. Por ter tido um ótimo professor que lhe inspirou;
 - f. Um(a) amigo(a) lhe sugeriu;
 - g. Pela tentativa de fazer mudanças na sociedade;
 - h. Por falta de opção;
 - i. Foi o curso para o qual obtive média de entrada;
 - j. Pela facilidade de inserção profissional;
 - k. Pela facilidade de ascensão profissional;
 - l. Existe um (ou mais) professor na família que lhe motivou;
 - m. Foi influenciado pela família a seguir esta carreira;
 - n. Foi obrigado pela família a seguir esta carreira;
 - o. Já foi questionado sobre a escolha da sua profissão?
14. Já foi questionado sobre a escolha da sua profissão?
15. Em sua opinião, por que existem poucos homens que querem ser professores da educação infantil?
 - a. Por ser uma área com rendimento inferior;
 - b. Por não gostarem de trabalhar com crianças;
 - c. Porque consideram ser uma área feminina;
 - d. Porque se consideram pouco eficientes para ensinar;
 - e. Por desencorajamento da família;
 - f. Por preconceito da sociedade;

16. Muitas pessoas associam a profissão docente ao gênero feminino. O que você diria a essas pessoas?
17. Quais as vantagens e dificuldades do seu fazer pedagógico, enquanto professor homem?

Apêndice 4- Termo de Consentimento Livre e Escolha (TCLE) 01

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa HOMENS ATUAM NA EDUCAÇÃO INFANTIL? UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DO ACESSO, PERMANÊNCIA, EVASÃO E ATUAÇÃO DO DOCENTE MASCULINO, do pesquisador Janailsom Nunes da Silva. A seguir, as informações do projeto de pesquisa com relação a sua participação neste projeto:

1. O estudo se destina em analisar como funciona o acesso, permanência, evasão e conclusão de discentes do sexo masculino matriculados no curso de pedagogia da UFAL, descrevendo as possibilidades e dificuldades de atuação docente na Educação Infantil, uma profissão que é caracterizada como tipicamente feminina, atravessando por concepções de gênero e de representações construídas historicamente sobre o masculino e feminino.

2. A importância deste estudo é a de mostrar que o homem pode e tem o direito de lecionar na educação infantil, uma vez que o mesmo foi preparado para desenvolver essa função, quebrando esse preconceito de que a sala de aula é apenas lugar para as mulheres, por esta ligada a questão da maternagem e rompendo paradigmas.

3. Os resultados que se desejam alcançar são os seguintes:

Mostrar que o Homem enquanto professor formado em pedagogia pode atuar na educação infantil.

Trazer considerações esclarecedoras que possa vir da uma sacudida nesse fato construindo historicamente de que a educação infantil é apenas lugar feminino.

Contemplar que o trabalho em conjunto de um professor e uma professora pode trazer benefícios para o desenvolvimento das crianças, pois nem toda criança é criada pelos dois genitores, onde a mesma pode estar sofrendo por falta de afetividade assim e que a função desses professores é dar suporte a essa criança que passa por esse tipo de problemas todos os dias.

E que futuramente venha surgir novas pesquisas empíricas relacionadas à temática.

4. A coleta de dados começará em 20/10 e terminará em 22/10.

5. O estudo será feito da seguinte maneira:

Após realizamos as entrevistas serão feitas as análises e por fim fundamentarmos com as teorias de pensadores na área da pesquisa.

6. A sua participação será nas seguintes etapas:

O fornecimento de dados concretos, relacionado a sua formação acadêmica no curso de pedagogia e sua atuação na educação infantil. Incluindo informações relacionadas ao

preconceito por causa da escolha da profissão ou familiar ou do seus companheiros (as) de ambiente de trabalho.

7. Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental são:

Espero não ocorrer risco a sua saúde.

8. Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente são:

9. Você poderá contar com a seguinte assistência:, sendo responsável(is) por ela :

10. Você será informado (a) do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

11. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

12. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização.

13. FAZER A OPÇÃO SE HAVERÁ OU NÃO DESPESAS E RESSARCIMENTO: Você deverá ser ressarcido(a) por todas as despesas que venha a ter com a sua participação nesse estudo, sendo garantida a existência de recursos OU O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.

14. Você será indenizado(a) por qualquer dano que venha a sofrer com a sua participação na pesquisa (nexo causal).

15. Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos.

Eu.....,tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço d(os,as) responsável(eis) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição: Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão
 Endereço: Rua São Gonçalo
 Complemento: Btn: 3 Bairro : Santa Inês
 Cidade/CEP: Paulo Afonso/48610256
 Telefone: 75988585602
 Ponto de referência: Próximo ao Mercadinho São Lucas

Contato de urgência: Sr(a).

Endereço:
 Complemento:
 Cidade/CEP:
 Telefone:
 Ponto de referência:

ATENÇÃO: *O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:*

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
 Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo ,
 Campus A. C. Simões, Cidade Universitária
 Telefone: 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 8:00 as
 12:00hs.
 E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Maceió, 15 de outubro de 2020.

| | |
|--|---|
| | |
| Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas | Nome e Assinatura do Pesquisador pelo estudo (Rubricar as demais páginas) |

Apêndice 5- Termo de Consentimento Livre e Escolha (TCLE) 02.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa HOMENS ATUAM NA EDUCAÇÃO INFANTIL? UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DO ACESSO, PERMANÊNCIA, EVASÃO E ATUAÇÃO DO DOCENTE MASCULINO, do pesquisador Janailsom Nunes da Silva. A seguir, as informações do projeto de pesquisa com relação a sua participação neste projeto:

1. O estudo se destina em analisar como funciona o acesso, permanência, evasão e conclusão de discentes do sexo masculino matriculados no curso de pedagogia da UFAL, descrevendo as possibilidades e dificuldades de atuação docente na Educação Infantil, uma profissão que é caracterizada como tipicamente feminina, atravessando por concepções de gênero e de representações construídas historicamente sobre o masculino e feminino.

2. A importância deste estudo é a de mostrar que o homem pode e tem o direito de lecionar na educação infantil, uma vez que o mesmo foi preparado para desenvolver essa função, quebrando esse preconceito de que a sala de aula é apenas lugar para as mulheres, por esta ligada a questão da maternagem e rompendo paradigmas.

3. Os resultados que se desejam alcançar são os seguintes:

Mostrar que o Homem enquanto professor formado em pedagogia pode atuar na educação infantil.

Trazer considerações esclarecedoras que possa vir da uma sacudida nesse fato construindo historicamente de que a educação infantil é apenas lugar feminino.

Contemplar que o trabalho em conjunto de um professor e uma professora pode trazer benefícios para o desenvolvimento das crianças, pois nem toda criança é criada pelos dois genitores, onde a mesma pode estar sofrendo por falta de afetividade assim e que a função desses professores é dar suporte a essa criança que passa por esse tipo de problemas todos os dias.

E que futuramente venha surgir novas pesquisas empíricas relacionadas à temática.

4. A coleta de dados começará em 20/10 e terminará em 22/10.

5. O estudo será feito da seguinte maneira:

Após realizamos as entrevistas serão feitas as análises e por fim fundamentarmos com as teorias de pensadores na área da pesquisa.

6. A sua participação será nas seguintes etapas:

Fornecimentos de alguns dados que possa vim contribuir para a realização dessa pesquisa, tais como: números de alunos ingressos/permanentes/evadidos/formados de 2014 a 2019 no curso de pedagogia.

Fornecimentos de algumas informações relacionados ao curso de pedagogia que possa vim nos ajudar a entendermos tais questionamentos surgidos durante essa pesquisa.

7. Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental são:

Espero não ocorrer risco a sua saúde.

8. Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente são:

9. Você poderá contar com a seguinte assistência:, sendo responsável(is) por ela :

10. Você será informado (a) do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

11. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

12. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização.

13. FAZER A OPÇÃO SE HAVERÁ OU NÃO DESPESAS E RESSARCIMENTO: Você deverá ser ressarcido(a) por todas as despesas que venha a ter com a sua participação nesse estudo, sendo garantida a existência de recursos OU O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.

14. Você será indenizado(a) por qualquer dano que venha a sofrer com a sua participação na pesquisa (nexo causal).

15. Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos.

Eu.....,tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço d(os,as) responsável(is) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição: Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão

Endereço: Rua São Gonçalo

Complemento: Btn: 3 Bairro : Santa Inês

Cidade/CEP: Paulo Afonso/48610256

Telefone: 75988585602

Ponto de referência: Próximo ao Mercadinho São Lucas

Contato de urgência: Sr(a).

Endereço:

Complemento:

Cidade/CEP:

Telefone:

Ponto de referência:

ATENÇÃO: *O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:*

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas

Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo , Campus A. C.

Simões, Cidade Universitária

Telefone: 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 8:00 as 12:00hs.

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Maceió, 15 de outubro de 2020.

| | |
|--|---|
| | |
| Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas | Nome e Assinatura do Pesquisador pelo estudo (Rubricar as demais páginas) |

Apêndice 6- Termo de Consentimento Livre e Escolha (TCLE) 03

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa HOMENS ATUAM NA EDUCAÇÃO INFANTIL? UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DO ACESSO, PERMANÊNCIA, EVASÃO E ATUAÇÃO DO DOCENTE MASCULINO, do pesquisador Janailsom Nunes da Silva. A seguir, as informações do projeto de pesquisa com relação a sua participação neste projeto:

1. O estudo se destina em analisar como funciona o acesso, permanência, evasão e conclusão de discentes do sexo masculino matriculados no curso de pedagogia da UFAL, descrevendo as possibilidades e dificuldades de atuação docente na Educação Infantil, uma profissão que é caracterizada como tipicamente feminina, atravessando por concepções de gênero e de representações construídas historicamente sobre o masculino feminino.

2. A importância deste estudo é a de mostrar que o homem pode e tem o direito de lecionar na educação infantil, uma vez que o mesmo foi preparado para desenvolver essa função, quebrando esse preconceito de que a sala de aula é apenas lugar para as mulheres, por esta ligada a questão da maternagem e rompendo paradigmas.

3. Os resultados que se desejam alcançar são os seguintes:

Mostrar que o Homem enquanto professor formado em pedagogia pode atuar na educação infantil.

Trazer considerações esclarecedoras que possa vir da uma sacudida nesse fato construindo historicamente de que a educação infantil é apenas lugar feminino.

Contemplar que o trabalho em conjunto de um professor e uma professora pode trazer benefícios para o desenvolvimento das crianças, pois nem toda criança é criada pelos dois genitores, onde a mesma pode estar sofrendo por falta de afetividade assim e que a função desses professores é dar suporte a essa criança que passa por esse tipo de problemas todos os dias.

E que futuramente venha surgir novas pesquisas empíricas relacionadas à temática.

4. A coleta de dados começará em 20/10 e terminará em 22/10.

5. O estudo será feito da seguinte maneira:

Após realizamos as entrevistas serão feitas as análises e por fim fundamentarmos com as teorias de pensadores na área da pesquisa.

6. A sua participação será nas seguintes etapas:

O fornecimento de dados concretos, relacionado a sua formação acadêmica no curso de pedagogia há sua atuação na educação infantil. Incluindo informação relacionada

ao preconceito por causa da escolha da profissão ou familiar ou dos seus companheiros(as) de ambiente de trabalho.

7. Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental são:

Espero não ocorrer risco a sua saúde.

8. Os benefícios esperados com a sua participação no projeto de pesquisa, mesmo que não diretamente são:

9. Você poderá contar com a seguinte assistência:, sendo responsável(is) por ela :

10. Você será informado (a) do resultado final do projeto e sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

11. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo.

12. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização.

13. FAZER A OPÇÃO SE HAVERÁ OU NÃO DESPESAS E RESSARCIMENTO: Você deverá ser ressarcido(a) por todas as despesas que venha a ter com a sua participação nesse estudo, sendo garantida a existência de recursos OU O estudo não acarretará nenhuma despesa para você.

14. Você será indenizado(a) por qualquer dano que venha a sofrer com a sua participação na pesquisa (nexo causal).

15. Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos.

Eu.....,tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço d(os,as) responsável(is) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição: Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão

Endereço: Rua São Gonçalo

Complemento: Btn: 3 Bairro : Santa Inês

Cidade/CEP: Paulo Afonso/48610256

Telefone: 75988585602

Ponto de referência: Próximo ao Mercadinho São Lucas

Contato de urgência: Sr(a).

Endereço:

Complemento:

Cidade/CEP:

Telefone:

Ponto de referência:

ATENÇÃO: *O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:*

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas

Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo , Campus A. C.

Simões, Cidade Universitária

Telefone: 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 8:00 as 12:00hs.

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

Maceió, 15 de outubro de 2020.

| | |
|--|---|
| | |
| Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas | Nome e Assinatura do Pesquisador pelo estudo (Rubricar as demais páginas) |